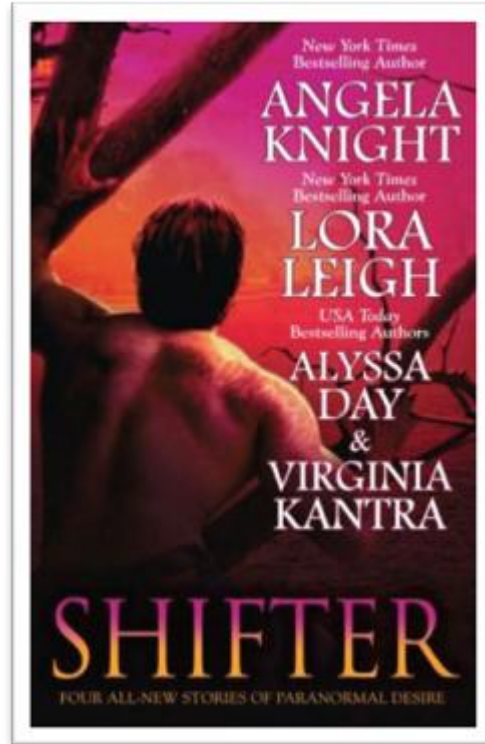




Mad dog love Angela Knight

Tudo pode acontecer quando a besta que levamos dentro é posta à prova e tentada. Algo perigoso. Algo inevitável. Algo tão irresistível que nenhuma mulher que se aprecie quereria deixar atrás.

Seja transformando-se à luz da lua, ou passeando pelas ruas com graça felina e garras cheias de sangue, ou ofegando de prazer... os trocaformas existem e vieram para cumprir suas mais selvagens fantasias.

Zarifa Lorenzo precisa de um guarda-costas, alguém para protegê-la de seu perigoso noivo, Gerik. Embora abomine a escravidão, ela compra um lobisomem para ajudá-la em sua missão. Rance Conlan está furioso com seu cativo. mas ele verá por trás da aparência de fachada que apresenta Zarifa?

Disp em Esp: não estava no arquivo

Envio do arquivo e formatação: Gisa

Revisão: Tininha Rios

Revisão Final: Fabrícia

Tiamat - World





Comentário da tradutora Cris: Foi gostoso fazer a tradução desse livro, pois o mocinho é um lobisomem muito fofo, a história uma das mais românticas da Ângela e a parte hot do sexo na gravidade zero... yuhuuu!vale a pena ler.

Comentário da revisora Fabrícia: A história é cativante e os personagens são cativantes, é uma história gostosa de ler.

Capítulo Um

*Estação Market, Império Lorezostellar.
Ano 2450*

Rance Conlan rondava sua cela como o lobo apanhado que era, a raiva fervendo através dele com cada passada longa. Não havia nada que desviasse sua cólera. A cela tinha só uma cama de armar no chão e um mictório preso na parede. Ambos eram desolados, brancos e arredondados, nada com cantos afiados que pudesse dar um uso sangrento.

Não que importasse. Tudo que tinha a fazer era mudar e ele tinha presas, garras e dois metros de músculos de lobisomem a sua disposição. O problema era que o colar de escravo não o permitia mudar.

Uma das novas escravas soluçava em sua cela no outro lado da grade, sua voz enrouquecida pelo desespero e uma doce aflição. Suas lágrimas arranhavam o instinto de criação do Freeworld de Rance para proteger e confortar. Somado a sua frustração, a porta de sua cela estava fechada com barras ou um campo de barreira, criando a ilusão de que a fuga era possível.

Desafortunadamente, Rance sabia mais. Quando caminhasse sobre a soleira, a agonia o paralisaria.

Maldito colar.

Ele resplandecia na porta vazia em umas voltas de fúria. Toda sua vida, seu nano sistema o havia provido com um controle absoluto sobre seu corpo. Os robôs do tamanho de uma molécula viajavam através de sua corrente sanguínea dando-lhe a habilidade de curar qualquer doença, a chave de reservas sobre-humanas de força, comunicação a enormes distâncias, acesso a qualquer fato que necessitasse saber. Inclusive mudar em qualquer coisa não completamente humana.

No selvagem mundo que ele chamava lar, um homem tinha que ser mais que um homem para sobreviver.



Os nanos de Rance lhe davam esse tipo de poder, até que os mercadores escravistas o haviam capturado três meses atrás. O colar que eles haviam fechado em volta de seu pescoço havia reprogramado seu nano sistema e transformou este num instrumento de sua escravidão. Se ele tentasse se rebelar agora os nano robôs poderiam fundi-lo em um inferno vermelho de gritos.

Mas isto não o impediria. Nanos ou não, ele encontraria uma forma de escapar.

O traidor que o havia entregado aos mercadores estaria bem condenado e o pagaria.

—Mad Dog!¹— A voz ressoou pra baixo no corredor, arrogantemente anasalada. O soluço na cela da próxima porta se cortou como se um interruptor se houvesse soltado.

Garota inteligente.

—Mad Dog, encontrei um comprador em potencial. —O mercador se pavoneou através da porta da cela com dois toscos guarda-costas ciborgs em seus calcanhares. —Um corredor aristocrata está buscando um guarda-costas lobisomem. E você estaria melhor sem espaço no trato, ou você amaldiçoará sua mãe por te parir no inferno. —Orto Casus tinha um gosto por ameaças melodramáticas. O problema era, que ele também gostava de levá-las a cabo.

Rance ignorou ao pequeno bastardo, toda sua selvagem atenção localizada nos dois ciborgs. Eles eram tão musculosos como seu amo era magro, vestidos em uma armadura de nanotium de aço cinza e capacete com viseiras negras que escondiam seus rostos. E eles estavam completamente alertas, aparentemente bem conscientes do que Rance era capaz de fazer.

Maldito inferno. Tudo do que ele precisava era um momento de falta de atenção. Inclusive um pequeno aborrecimento deveria servir. Muito ruim, eles estavam muito bem treinados. Provavelmente ex-marinheiros imperiais.

Especialmente o líder dos dois, Capitão Aaren, quem havia hackeado primeiro dentro do nano sistema de Rance...

—Me ouviu? Disse que havia encontrado um comprador potencial. —Casus franziu o cenho, esfregando seu frágil queixo com barba pra cima com irritação. Como era usual, estava vestido como o presumido aristocrata que ele desejava ser:veludo chamativo e muito babado. Mas o que interessava a Rance era a cintilante coleção de anéis que usava em cada dedo. Um por cada escravo nas celas. Rance suspeitava que o grande rubi na mão direita de Casus controlava seu colar particular. Poderia ser interessante morder o anel fora do tenebroso dedo e se desatar. Uma rápida mudança pra forma de lobo, um estalo das presas afiadas e...

A dor se fechou de golpe em sua virilha tão rápido e brutalmente que seus joelhos se dobraram. Rance se esborrachou no chão, seu corpo sacudindo-se em uma indefesa bola fetal.

¹ Cachorro louco em inglês.



Amordaçado, lutando por respirar apesar da sensação de grande punho lentamente retorcendo seu pênis com sádica força.

Malditos nano robôs.

Ele deve ter encontrado o olhar de Casus de novo. A pequena pontada que odiava quando ele fazia aquilo.

Provavelmente porque ele podia ver a morte paciente esperando-o nos olhos de Rance.

A dor terminou abruptamente, deixando-o paralisado em uma náusea sudorética.

—Se você arruinar esse trato pra mim, te verei morto!

Casus grunhiu, com o rosto vermelho e se estremecendo.

—Você gritará por dias, Mad Dog, dias, me entendeu? — Ele levantou o chicote de montar. — Entendeu?

—Sim... amo. Rance apertou os dentes, porque fazer algo mais lhe traria mais castigo e não mudaria nada.

A escravidão lhe havia ensinado que ele não podia se permitir gestos vazios, sem importar quão gratificante pudesse ser cuspir na cara do bastardo.

Ele tinha que fingir se submeter, sem levar em conta a humilhação. Com um pouco de sorte, um novo amo poderia ser menos precavido que Casus. Rance só necessitaria um instante de desatenção para seu assassinato e fugir.

Apaziguado pela fingida submissão de Rance, Casus se endireitou e arrumou o seu punho de babado com uma sacudida brusca.

—Bem. Meus guardas te prepararão agora. Mas se você desafiar encontrando com aquele seu olhar de cachorro louco amarelado, será um homem morto. De um modo ou de outro, eu quero te tirar de meu estábulo. Nem se ela te compra, ou...

Rance escondeu o cenho franzido.

—Ela?

Zarifa Lorenzo empurrou as pesadas cortinas douradas de um lado e olhou fixamente fora da portinhola. Um mensageiro imperial manobrava para o cais em uma das outras armas da estação Market. Esta empurrava em movimentos azuis de cabeças entusiasmadas assim como se perfilava dentro de seu grau atribuído.

Estava seu noivo vicioso à bordo? Gerik frequentemente usava naves de mensageiros em suas missões secretas para o regente.

Zarifa enviou uma silenciosa prece para que ele não estivesse naquela nave. Ela tratou duramente de perdê-lo. O curso que ela havia planejado havia sido quase ridiculamente intrincado, fazendo órbita em um mundo só pra imediatamente voar dentro do superespaço de cabeça em outro.



Sua viagem daqui a Estação Market havia levado mais de uma semana da que lhe teria levado em um voo direto.

Ainda assim, ela só estava atrasando o inevitável. Gerik Natalo a apanharia mais cedo ou mais tarde. Eles não o chamavam o Punho do Regente por nada. Ele servia aos caprichos de seu pai com uma devoção fanática, e Umar Natalo a queria de volta.

A mão direita de Zarifa apertou com mais força o punho da espada que pendurava de seus quadris. Assim como ela trocava seus pés calçados com botas sem descanso, uma fina lâmina de agonia apunhalava suas costelas. Ela deu um assobio. A ferida estava quase curada, uma recordação silenciosa da última tentativa de Gerik levá-la de volta. Seu novo sistema havia valido cada imperial que ela havia pago. Menos de uma semana havia passado desde que o bastardo havia manejado sua espada dentro de suas costelas. Ela teria sangrado até a morte se os nanos não houvessem acelerado a cura de seu corpo. Todavia não se iludia, se seu noivo não houvesse feito uma tentativa de apanhá-la com vida ela seria uma mulher morta agora. O Punho do Regente era simplesmente muito poderoso, muito capaz. Muito mortal. Ela deveria se assegurar de ter um protetor antes que ele a apanhasse de novo.

—Lady Selan?

Zafira se voltou, malditamente perto de usar a Casus antes que ela conseguisse o que queria. Ela deslizou sua espada uma polegada de volta dentro da bainha e apagou a selvagem determinação de seu rosto.

—Sim?

O mercador lhe deu um sorriso gordurento, chamativo em seu colete de seda amarelo e jaqueta verde de veludo. *Um comerciante com pretensões*, o fantasma de seu pai sussurrou.

Os olhos de Casus saltaram nervosamente para a corda branca com nós que ela tinha na capa de sua espada. Se perguntava quão rapidamente ele a venderia se ele soubesse o que era na realidade. Chamaria o palácio antes que ela desse um passo fora da porta.

Afortunadamente, a imagem que seus nanos projetavam impediam que ele a reconhecesse. Entre aquilo e sua identidade secreta de uma suspeita mensageira aristocrática, ela deveria estar relativamente a salvo.

A menos de que Gerik se apresentasse com uma ordem judicial para sua detenção...

Casus esboçou uma elaborada reverência.

—O escravo está pronto para sua consideração, milady.

—Bem. Mostre-o, por favor. —Zafira endireitou os ombros e se afastou seus pés com botas, assim como o escravista fazia um gesto a um de seus homens. O pensamento de comprar um escravo punha seus dentes apertados. Se ela tivesse conseguido o que queria teria declarado ilegal a escravidão anos atrás. Se era ilegal escravizar cidadãos do império, deveria ser inconstitucional sequestrar e colocar colares aos Freeworlders. Desafortunadamente, o regente havia ignorado todos



seus argumentos. Ela suspeitava que ele provavelmente estivesse envolvido no comércio de escravos. Umar amava seu dinheiro.

E não seria irônico que um daqueles escravos seria sua salvação?

Muito ruim que ela não pudesse conseguir mais deles. Seria mais feliz com uma falange de lobisomens para escoltá-la em sua missão. Desafortunadamente, comprar uma nave havia deixado seus fundos drenados, um shifter era tudo que podia conseguir.

Franzindo o cenho, Zafira usou seu polegar para dar voltas ao diamante do anel que ela usava em sua mão direita, um hábito nervoso formado no último estressante mês. A banda intrincadamente gravada estava fria em seu dedo, pesada pelas velhas dívidas e a honra perdida.

A porta se abriu. Zafira deu uma olhada ao redor justo quando um dos guardas levava o escravo por uma corrente chapeada.

E ela esqueceu todo o resto.

O shifter rondava entre os móveis pseudo-vitoriano carregados, nu exceto pelo colar brilhante negro ao redor de seu pescoço. Uma olhada generalizada o marcaram em seus sentidos, os duros traços angulosos, as amplas e poderosas curvas de seu peito, as ondas de seus musculosos braços e pernas. A oscilação de seu pesado sexo entre suas virilhas...

Ela olhou para outra parte, sentindo seus joelhos arder. Apropriada, centrou na diversão de Casus, um olhar depreciativo.

O alarme sacudiu através dela. *Estou perdendo minha própria cobertura.* A enfasiada aristocrata que ela pretendia ser não era o tipo de mulher que se ruborizava na visão de um pênis grande.

Mas seu amante não era nada como isso, uma pequena vozinha protestou. Zarifa a ignorou. Ela tinha um trabalho a cumprir.

Ela começou a caminhar para o shifter com tanta fanfarronice quanto pode manejar. Ele não encontrou seu olhar, inclusive quando ela parou apenas a uns centímetros. Seus olhos estavam no nível de seus pequenos e escuros mamilos. Ela olhou pra baixo, ao longo das ondas planas de seu firme estômago, se forçando deliberadamente a olhar seu sexo.

Doce Senhora, quão grande poderia ser ao estar completamente ereto?

Ela ordenou a seu nano sistema a esfriar seus joelhos antes que eles pudessem golpeá-la de novo. Zarifa olhou para o rosto do shifter. Seus olhos porém se negavam a encontrar os dela mas ela viu agora que eles eram da cor de moedas antigas, um brilhante dourado que não era inteiramente humano. Seu cabelo era abundante, de um profundo negro escuro que brilhava como uma pele, cortado sem piedade curto, mas mostrando um indício de cachos. Ela quase podia sentir a suavidade da seda deste contra seus dedos.

Deus, ela ansiava o toque de outro humano. Enterrada em sua fortaleza de medo, ela não deveria se atrever a permitir ninguém a se aproximar. Especialmente a um homem.



Certo, ele não era o Aron mais bonito que ela havia visto. A aristocracia habitualmente mandava a seus mais bonitos filhos a ela com a esperança de atrair seus olhos.

A pesar do impressionante poder de seu corpo, os traços de shifter eram muitos ásperos para aquele tipo de perfeição. Seu nariz era um pouquinho arrebitado, seus olhos profundos muito selvagens, suas maçãs do rosto não eram muito afiladas, seu queixo muito teimoso.

Mas sua boca a fascinava. O lábio inferior era cheio com a promessa de exuberante erotismo, ainda que seu lábio superior fosse fino com uma imperceptível curva que sugeria dor e amargura.

Os olhos da cor dourada das moedas olharam rápido pra cima para encontrar os seus. Por um instante, eles arderam quentes com um interesse masculino assim como aqueles lindos lábios se curvaram em um sorriso cúmplice. Então ele olhou para outra parte, deixando seu coração palpitando com força em pulsações desesperadas assim como ela recordava tudo o que eles diziam sobre os shifters.

Ela podia tê-lo. Tê-lo como ela não podia se atrever a ter um homem desde que o regente havia ordenado o assassinato de seu amante. Seis anos, ela havia vivido como uma monja, sem se atrever a permitir um beijo roubado dos bonitos homens que a rodeavam. Temendo que o regente devesse proteger o poder e manter o caminho livre para a reclamação de seu filho. Só Gerik a havia tocado e suas mãos não haviam sido exatamente bem vindas.

Mas ela podia ter esse lobo. Comprá-lo. Possuí-lo. Tomá-lo em sua cama. *Você permite que te distraia*, o fantasma de seu pai murmurou. *Não o comprará para o sexo. Ele é um meio para recuperar nossa honra perdida. Só isso.*

Zafira se forçou a dar um passo atrás. Forçou a seus olhos a não cair para o pênis grosso.

—Necessito um protetor. Pode lutar?

Os dentes brancos cintilaram com força, um temerário sorriso com uma ponta de brutalidade.

—Sim.

Ela sacudiu levemente o olhar para os guardas com suas armaduras de nanotium cinzas.

—Mostre-me.

—Agora, Lady Selan...- Casus começou nervosamente.

Mas o shifter já estava se movendo, dando voltas, um calcanhar nu arremetendo para fechar um golpe no estômago do guarda armado mais próximo. Deve ter doído mas ele inclusive não havia perdido o passo, saltando pra investir com um punho na máscara protetora do rosto do homem, seguindo com uma série de furiosos golpes de martelar a cabeça e corpo do ciborg. O sangue voou em arco vermelho, mas este era dos próprios nódulos partidos do shifter.

Porém, ele não parecia sentir dor, seu rosto retorcido em um grunhido animal assim como o guarda tropeçava para trás com a fúria de seu ataque.

O segundo ciborg arremetia a cabeça para ele com um grito. O shifter evitou a carga e caminhou para trás, jogando outro murro brutal. E outro, e outro. Mais sangue voou de suas mãos.



Zarifa puxou seu fôlego. A cólera nele, a fúria fervendo na superfície derramando-se de suas mãos machucadas e chutes selvagens- isto era como se a própria lady houvesse dado forma a frenética e zangada frustração própria de Zarifa.

Mas como humano que ele era, não podia machucar aos guardas, só podia se romper contra as armaduras de seus corpos.

—Mude!- ela saltou, se sentindo selvagem e temerária. —Mude agora!

Os olhos dourados saltaram aos seus olhos. Ele descobriu seus dentes.

—Não!- o escravista lançou um grito apagado.

Mas a pele negro escura já estava se propagando sobre a nua pele do shifter, seu corpo se tornando inclusive mais largo, seu rosto estendendo-se em um elegante focinho. Suas orelhas levantadas em pontas lupinas assim como suas grandes mãos e pés cresceram em mortais garras curvadas. Ele voltou seus olhos dourados selvagens para os guardas.

—Pra baixo!- Casus rugiu.

O shifter gritou em agonia e caiu sobre o chão como se ele tivesse sido disparado. A pele dissolveu como seu corpo voltava a forma humana, retorcendo e chutando em angústia.

Zarifa sabia exatamente como ele se sentia. A dor. A impotência, a cólera abrasadora. A negra vergonha de ser um brinquedo para os homens desalmados.

Seu olhar se disparou para o mercador, quem levava agora um sorriso de sinistra satisfação.

—Te disse o que sucederia, Mad Dog - Casus cuspiu. —Eu o adverti.

A próxima coisa que Zarifa soube foi que sua espada estava em sua mão e pressionava firme na garganta do mercador. Uma onda vermelha borrou sua visão. Parecia que ela quase podia ver o sangue do mercador fluindo sob seu fio. Os lábios finos de Casus se arrastaram em um O de terror

Ela despiu seus dentes.

—Deixe-o ir.

Capítulo Dois

Rance procurou com o olhar através da névoa de dor para ver a espada da mulher cravando no pescoço de Casus.

—Pare de torturá-lo, - ela grunhiu. —agora.

Uma aristocrata estava o defendendo?

A mão do mercador sacudiu, pronta pra deixar cair o punhal que levava na capa do pulso, em sua palma. Rance se preparou pra soltar um chute na virilha do homem, sabendo inclusive que assim que fizesse pagaria por isto.



—Me use e morre, - ela grunhiu, levantando a espada para cima pra pressionar mais profundo na pele. Uma gota de sangue de cor viva rodou pra baixo da garganta de Casus. A mão do homem caiu frouxa a seu lado.

—Sr. Casus, qual é sua ordem?- O capitão Aaren exigiu, obviamente em dúvida entre o medo de por as mãos em uma aristocrata ou permitir ameaçar a seu chefe.

Rance rodou sobre seus pés ignorando a dor que apunhalava suas bolas. Ele estaria condenado se permitisse uma mulher ser ameaçada enquanto ele estava sentado sobre seu traseiro. Mesmo que não pudesse permanecer parado direito.

Aaren lhe deu um olhar de advertência e se aproximou da aristocrata.

Seus olhos se estreitaram assim como ela cintilou um resplendor.

—Se atreva a me tocar e será executado.

E ela podia também. As penas para um plebeu cometendo violência contra um aristocrata eram severas. Por outro lado, lady Selan podia cortar a garganta de Casus sem forçar muito o pulso.

Rance sorriu abertamente através da dor como a lâmina de uma faca. Ele nunca pensou que aquela lei em particular poderia trabalhar a favor dele.

Uma névoa de dor golpeou, dobrando seus joelhos. Ele apenas se curava corretamente.

Casus aparentemente não havia apreciado seu sorriso.

A aristocrata movia sua lâmina, forçando-a no queixo do mercador mais alto.

—Disse que o solte.

—Ele ameaçou aos meus guardas!

Sua voz estava calma, nivelada, como se pudesse cortar a garganta de Casus sem mais preocupação que descascar uma laranja.

—Ele estava demonstrando suas habilidades a minha ordem como você sabe muito bem. Não vou repetir.

A mão com o rubi fez gestos e a dor abruptamente se desvaneceu. Rance se desabou com um grunhido de alívio mas se forçou a permanecer de pé. Sua resgatadora poderia precisar dele.

A voz da aristocrata era enérgica e fria quando perguntou.

—Quanto quer por ele?

Casus imediatamente perdeu seu sentido de doente e utilizou sua cobiça. Seu rosto fechado se iluminou calculista.

—Não sei se posso vendê-lo, não com a consciência tranquila. Ele é mais perigoso do que eu pensava.

—Se eu quisesse um cão de estimação o buscaria em uma loja de mascotes. Quanto?

—Deveria ser destruído.

Ela separou seu precioso lábio de seus dentes.

—Você também, mercador. Quanto?



Rance engoliu um bufo de risadas assim que os dois começaram regatear a sério. Ele tinha que admitir, que se tinha que ter uma ama por algumas horas, ele poderia ter feito uma escolha pior. Ali estava a pureza arrogante nos traços aristocráticos, desde a limpa linha reta do seu nariz, a altura que sobressaía de suas bochechas, a curva de seu queixo. Seus olhos eram grandes e líquidos, de um rico verde bosque, e seu cabelo loiro brilhava como uma coroa , lisa e suave.

Ela usava uma dessas roupas vagamente históricas da moda entre os aristocratas. A jaqueta de veludo vermelho fechada e as calças brancas justas metidas em botas negras, como se ela devesse estar em uma caça a raposas a cavalo. Ela certamente não parecia com uma esquiva mensageira assassina interestelar . O que era provavelmente a ideia. Havia uma certa tentação torcida na ideia de ser comprado por ela. Ainda que olhando ao longo daquelas deliciosas pernas e sua altura, a doce elevação de seus peitos, ele decidiu que ele tinha bastante em possuí-la.

Uma escrava aristocrata. Que delicioso pensamento.

—Então? Temos um trato? - Casus exigiu. O mercador era todo baba na expectativa de todos aqueles imperiais.

O olhar verde da lady saltou a Rance de novo. Considerando-o por um longo momento enquanto seu coração saltava uma batida. E se ela dissesse não?

Ele seria um homem morto. Os cyborgs do mercador o matariam antes que ela estivesse a meio caminho do hall.

—Sim. —A aristocrata disse afinal. —Temos um trato.

Zarifa podia sentir o peso dos intensos olhos dourados do shifter nela assim como Casus lhe apresentava o anel de controle. Isto era condenadamente incômodo, tendo um homem a olhando enquanto você aceita o instrumento de sua tortura.

Especialmente quando ela sabia muito bem como era ser alvo deste tipo de dor.

—Não preciso disto. —Zarifa disse cortantemente, afastando de lado o anel oferecido. —Só me dê os códigos para seu controle.

Casus franziu o cenho pra ela.

—Os nano sistemas dos Freeworlds como os de Mad Dog são muito diferentes dos nossos para acessá-los. Você precisa de um tradutor para controlá-lo. —Ele sustentou o anel de novo.

Zarifa gesticulou mas reticentemente o aceitou. Colocando-o, ela fez gestos com o anel que o mercador levava.

—O seu também.

Casus empalideceu um pouco, seu olhar saltando pra o shifter, quem tinha uma selvagem atenção.

—Eu não penso que seja uma boa ideia.



—Eu não quero que mais ninguém controle meu escravo. —Ela lhe deu o melhor sorriso suave de seu pai. — A menos que deseje cancelar a transação agora...

Sua expressão azeda, o mercador escravista sacudiu o anel fora de seu dedo e lhe entregou.

Zarifa meteu o anel dentro do bolsinho de sua jaqueta e pensou, *Nanos, reencriptom e deem uma palavra chave para o sistema de Mad Dog. Não quero que mais ninguém o acesse exceto eu.*

Feito, disse a voz mental replicante do sistema.

Ela relaxou. Eles não poderiam ser capazes de usá-lo contra ela agora.

—Você necessitará deixá-lo com o máximo de dor para controlá-lo. —A malícia encheu os olhos de Casus e logo acrescentou, - aplique-o em seu pênis. Algo acerca disso causa uma impressão nele.

—O tomarei como um conselho. —Ao parecer ante seu gelado desagrado, o mercador se encolheu visivelmente.

Um dos cyborgs falou em um grave grunhido. —Sr. Casus, um carro de entrega está aqui. Disse que tem algo pra Lady Selan.

—É a armadura que encomendei. —Zafira disse. —Há algum lugar onde Mad Dog possa se trocar?

Casus farejou. — Ele já está nu. Não há a necessidade de privacidade.

—Mas eu sim. —Ela olhou fixa e friamente ao mercador até que ele deixou cair seu olhar. —E espero ter. Qualquer dispositivo de gravação deverá ser desligado.

Casus inclinou em uma reverência baixa. —É óbvio, milady.

A couraça de nanotium era grossa, de um rico vermelho carmim, enfatizada com talhos em negro. Os arns das pernas, luvas, e distintivos que eram do mesmo esquema de cor, enquanto as placas, as coxas e as botas eram negras com vermelho vivo. Cada peça brilhava debaixo das luzes sobre suas cabeças, ainda que eles poderiam ficar negras e cinzas, se fosse necessário para o sigilo.

Rance sustentou seus braços estendidos enquanto sua nova dona arrumava a placa do peito ao redor de seu torso.

—Sabe, posso colocar minha própria armadura.

Ela lhe deu um sorriso tnu e continuou pondo a couraça em seu lugar. —Eu sei. Mas você é meu homem e quero estar segura que está propriamente ajustada. Senão , quero ser capaz de dizer ao armeiro exatamente o que mudar.

Meu homem. Havia algo tenuemente medieval na forma em que ela disse a frase, como um antigo lorde reclamando sua responsabilidade com seu cavaleiro vassalo. Algo acerca das palavras enviava calidez através de seu peito e ele franziu o cenho. Não sou seu “homem”, se disse friamente. Ele escaparia dela tão rápido quando tivesse a oportunidade.

O traidor lhe devia uma dívida de sangue e ele estava bem condenado a cobrá-la.

A couraça mudou para ajustar-se a sua largura, então se selou com um suave sibilo.



Rance alisou suas mãos sobre a superfície bem obtida e brilhante. Se ele conhecia sobre armaduras e ele conhecia, esta era possivelmente a mais cara que ele havia usado. Esta parecia pesar não mais que uma fina túnica e se movia com ele facilmente quando ele movia sua cintura e balançava seus braços.

Uma coisa era certa, a dama não era miserável.

Ele queria que levantasse a próxima sessão de sua armadura de sua reba².

Ela levantou com elegância e ajustou sobre seus bíceps, seus longos dedos capazes e competentes, como se ela não estranhasse armar a si mesma.

Rance mentalmente somou os imperiais que ela deveria ter gasto entre comprá-lo e a sua armadura e franziu o cenho.

—Exatamente em quanto perigo se encontra?

Seu lindo rosto fez uma careta.

—Suficiente. —Ela virou e levantou o braço direito. Rance lutou pra não olhar a curva do seu traseiro. A última coisa que ele necessitava agora era uma ereção. —Há um armeiro muito bom na estação, - ela disse em uma descarada mudança de assunto. —Quando Casus me disse que ele tinha um shifter, eu ordenei esta fabricação. A mulher me disse que esta mudará quando você o fizer, mas você deveria testá-la. Não quero nenhuma surpresa desagradável no caso de uma emboscada.

Uma dezena de perguntas abarrotou a língua de Rance, mas ele manteve sua boca fechada. Ele precisava brincar de escravo obediente até que Lady Selan deixasse cair sua guarda.

Embora odiasse contemplar o que ele deveria fazer com esta linda, delicada criatura em ordem de realizar sua fuga. Ela não permitiria que ele fosse e ele não se permitiria ficar.

Lady Selan levantou uma grossa sessão e se abaixou sobre seus pés. Ele ficou tenso de repente, dolorosamente consciente de seu rosto perto de seu pênis. Não, ele advertiu. Deus, não.

Tudo que ela deveria fazer era inclinar-se para tomá-lo em sua boca...

Atento por uma distração, ele disse - Se dá conta que Casus está provavelmente gravando isso? Seus dentes cintilaram pra ele em um selvagem sorriso.

—Oh, ele tentará. Eu o impedi. Tenho um lindo e bom nano sistema.

Rance piscou.

— Você desarmou as câmaras de Casus? Ele não gostará disso.

—Acredita que realmente me importa?

Ele riu. —Não realmente.

Mas qualquer sentido de diversão se desvaneceu quando ela fez uma pausa, seus olhos verdes sobre seu pênis. O eixo imediatamente começou a se engrossar sob sua atenção. Ele a ouviu engolir. Ela se inclinou para...

² Reba - peça da armadura que protege do joelho ao tornozelo, correspondente a uma caneleira.



E ajustou a sessão dos quadris ao redor de sua virilha. Rance apertou os dentes assim como este se selou, pressionando sobre sua crescente ereção. O fato era que ela obviamente havia estado tentada a não ajudar em absoluto.

—Aqui. —Ela levantou seus pés e inclinou sua cabeça, estudando-o enquanto ele se levantou sobre ela em um traje que podia ter uma rajada de tanque estelar. —Está formidável.

—Sou bastante formidável.

—Veremos. Agora mude. Quero me assegurar que o traje se acomoda a mudança.

Certamente ele desejava saber também, ele enviou uma ordem mental aos seus nanos. A mudança cresceu através dele enquanto os nano robôs realinharam as células, alteraram os ossos, músculos e sangue. Ele se estremeceu ante o calor, a dor familiar. O quarto se apagou.

Quando sua visão se agudizou de novo, todos seus sentidos pareciam explorar em uma vívida vida. Ele olhou pra baixo a ela. E baixou ainda mais, desde que ele era quase meio metro mais alto agora.

Ela parecia tão delicada, tão frágil. E ela cheirava deliciosamente feminina, como sexo destilado. Como tudo que ele sempre ansiou numa mulher.

Seu tipo havia sido criado pra proteger os colonos em um mundo selvagem cheio de predadores que teriam podido degolar a um homem comum, sem importar o quanto bem armado estivesse. Os instintos da criação dentro de cada célula o levavam a falar apesar do bom senso.

—Porque fez isso, Lady?— Sua voz emergiu em um profundo grunhido desumano. —Ordenando a me transformar assim? Eu poderia matá-la antes que você tivesse tempo de ativar meu colar.

Houve um rastro de advertência gelada em seu sorriso.

—Eu penso que você subestimou o quanto eu sou rápida.

Ele duvidou daquilo.

—Não deveria tomar tais riscos.

—Talvez. —Selan encolheu os ombros. —Meu pai costumava dizer que você nunca saberá se pode confiar em um homem a menos que lhe dê a oportunidade de te trair. É melhor olhar o que ele fará do que ser desagradavelmente surpreendido quando não estiver esperando.

Rance olhou fixamente a ela, horrorizado.

—Isto foi um teste?

—E sorte pra você, passou. —Seus olhos caíram no anel em sua mão. —Meu pai sabia tudo sobre traição. Era bom nisso. Pulando em um dos calcanhares nas botas ela começou a ir pra porta—Mude de novo, Mad Dog, e vamos. Temos um horário a cumprir.

O apelido levava uma surpreendente ardência que nunca havia possuído antes.

—Rance. Meu nome é Rance Conlan.

Ela lhe deu um sorriso de sereia. — Rance, então.



Apertando seus dentes, ele permitiu que o poder corresse através dele novamente, então se foi na frente dela como um cão de guarda leal, o que ele definitivamente não era.

Ela está jogando em minhas mãos, se dizia a si mesmo. *Ela não sabe tanto sobre traição como pensava que sabia.*

O pensamento deu um surpreendente gosto amargo em sua boca. Trair mulheres era para aristocratas e escravos, não para Freeworlds shifters.

Muito ruim que ele não tivesse a oportunidade.

Capítulo Três

Não era fácil manter sua mente nos negócios quando seu corpo estava se rasgando num doce e elétrico zumbido. *Não posso me permitir esse tipo de distração*, Zafira se deu conta com uma severa sacudida de alarme. E se Gerik se mostrasse? Ele me havia tido presa em correntes antes de vê-lo vindo.

Então... Seu olhar se deslizou para os ombros altíssimos do shifter enquanto ele a precedia para a porta. Sim, ela precisava prová-lo, mas se fosse honesta consigo mesma ela insistiria em ajudá-lo a vestir a armadura porque queria tocá-lo.

Sua suave pele morena parecia com veludo sobre aço. E a forma em que seu pênis havia crescido sob seu olhar... Pare! Mantenha sua mente no trabalho.

Casus olhou para eles assim que entraram em seu escritório. Ele estava sentado atrás de uma escrivaninha ostentadamente maciça, seus cyborgs flanqueando-o como armários. Assim que Rance se posicionou de maneira enérgica por dela os três ficaram alertas.

Inclusive os guardas pareciam nervosos. E Casus a um passo do pânico. Não que ela pudesse culpá-lo. Rance nu havia parecido intimidante, mas inteiramente armado era uma enorme arma humana brilhante. Mas isto era mais que a armadura. Ele exsudava uma tranquila, mortal confiança que ninguém no local tinha uma palavra a dar.

Zarifa virou sua cabeça para olhar como ele dava a Casus um longo e frio olhar que sugeria que ele estava se lembrando de cada vez que o homem o havia torturado. Ele sorriu, lenta e arrepiante.

Casus ficou de uma palidez cadavérica.

Oh, doce Senhora, Zarifa pensou, lutando com o pânico que surgia nela. *Podem os nano robôs parar a Rance antes que ele mate o pequeno idiota?*

Se ele assassinasse ao homem que não o havia atacado, ele estaria morto. E a própria Zarifa deveria detê-lo, o que significava que os oficiais poderiam descobrir sua verdadeira identidade em



uma curta ordem. Gerik chegaria para arrastá-la de novo ao Throneworld em poucas horas e tudo estaria perdido.

Justo quando ela começava a ativar seu anel de controle de nano robôs, Rance falou, sua profunda voz era suave e cortês, como a de qualquer cavalheiro.

—Milady? Você disse que estávamos com o horário apertado.

Ele não ia atacar. O alívio era vertiginoso. Zarifa lhe fez um movimento de cabeça.

—Sim, sim estamos. —Ela se voltou para o mercador de escravos, quem estava congelado em sua cadeira como um pássaro hipnotizado por uma serpente. —Creio que isto completa nossa transação.

—Sim. —Casus balbuciou e engoliu com uma visível inclinação e seu pomo de adão. —Sim, bem. Seus fundos foram transferidos. Pode levá-lo.

Rance nem sequer deu ao homem um segundo olhar enquanto caminhava pra fora do escritório.

Reprimindo um sorriso de alívio, Zarifa o seguiu corredor abaixo passando pelas celas de escravos e saindo da estação espacial.

Casus golpeou assim que a porta de fora de fechou atrás de Mad Dog e sua cadela aristocrata.

O suor gotejava de suas axilas molhando sua jaqueta de veludo cara, e seu coração martelava como o de uma lebre. Por um momento pensou que o maldito iria despedaçá-lo.

Mas então, Casus havia tido pesadelos com presas de lobo se afundando em sua carne desde que havia adquirido o pesado bastardo três meses atrás. Fazer favores para o regente podia ser lucrativo, mas algumas vezes não era exatamente seguro.

Se voltou para Aaren, o chefe dos guardas.

—Passou o campo de imagem de Selan?

O grandalhão sacudiu sua cabeça- Não pude penetrar as defesas de seu sistema. Diabos, nem sequer pude conseguir leituras adequadas de seu verdadeiro peso e altura, que dirá seu rosto?

Casus ficou de queixo caído. Um antigo guarda estelar, Aaren podia fazer aos nanos de seus escravos dançar a seu tom como ninguém mais.

—Porque diabos não?

—Não posso estar seguro a causa de seu escudo, mas suspeito que ela tem um nano sistema do grau de combate imperial. Esses bastardos foram desenhados para serem impenetráveis. —Franziu seu cenho. —Mas um mensageiro aristocrata não poderia ter um sistema como esse. Eu esperaria que estivesse mais acima do grau novo. E eu os invadi antes.

—Pensa que ela é militar? Talvez algum tipo de agente de operações especiais? Pensa que todos tem nanos pra comunicação e emergências médicas e nada mais, é ilegal civis possuírem o mesmo sistema que os guerreiros do império usam pra realçar sua velocidade e força.



-Poderia ser, mas eu encontrei com soldados da força de elite antes e ela é um pouco nervosa demais. A dama parece uma cadela de gelo aristocrata melhor que nenhuma que eu tenha visto, mas há só um rastro de medo por baixo. Penso que ela está fugindo de alguém e não é nenhum rival da corporação que está atrás de qualquer arquivo que ela está levando.

Casus ficou totalmente alerta, cheirando os lucros de seus sonhos.

—Pensa que ela é uma fugitiva?- De um cujo nome eles nem sequer se atreviam a mencionar.

O guarda encolheu os ombros. —Talvez.

—Está bem. —Casus tamborilou nervosamente em sua escrivaninha. —melhor reportá-lo. Em caso de.

—Isso seria sábio. —Aaren disse em um tom tão suave que Casus supôs que ele havia amaldiçoado melhor que um comandante de Throneworld.

Estavam na metade do corredor da Estação Market e o corredor principal estava abarrotado de compradores. Os viajantes espaciais e os aristocratas caminhavam ao longo das ruas sob o transparente teto maciço, enquanto os turistas se detinham boquiabertos olhando pra cima envergonhados de seu temor. Rance não podia culpá-los. Diante a Névoa do Corvo brilhava contra o negro do espaço como um cachecol de mulher, um trêmulo véu púrpura e vermelho pontilhado de estrelas e pedras preciosas.

A vista dentro da concorrência não era tão elegante. Os comerciantes empurrando os carros pesados antigravitacionais exibindo as mercadorias de cem mundos. Spidersilk em incontáveis graduações, robôs de brinquedos que dançavam e cantavam, inclusive especiarias do Freeworld que deu a Rance uma pontada de saudade de sua pátria. Uma escrava nua dançava na parte da frente de um distribuidor, sua voz musical e rítmica enquanto convidava a entrar e provar as mercadorias. Apesar de seu sorriso brilhante havia desolação em seus olhos. Os aristocratas filhos da puta.

Selan percorreu com o olhar a garota enquanto passavam, e um espasmo de piedade – e estranhamente vergonha - cruzou seu rosto. Piedade ele poderia compreender, mas de que diabos ela tinha que se envergonhar? Ela não havia feito escrava a garota.

Franzindo o cenho, Rance espiou sua nova arma, então se voltou para escanear a multidão circundante com todos seus sentidos, ambos, seus e nano. Ele não divisou a ninguém que parecesse ter um interesse assassino nela.

Bom, mesmo assim ele não se atreveu a relaxar.

Quando eles haviam deixado a loja de Casus, Selan havia regressado a maioria das funções de seus nano robôs a seu controle, o qual dizia muito acerca de quanto perigo ela pensava que se encontrava.

—Sabe - disse Rance em voz alta - eu acharia muito mais fácil te proteger se soubesse do que te estou protegendo.



Selan lhe disparou um frio olhar, uma mão se apoiando na empunhadura da espada.

—Não aqui. Uma vez que chegemos na nave o instruirei preliminarmente.

—Sim, ama.

Ela levantou uma sobrancelha, sem dúvida detectando o fio sarcástico do comentário em sua voz. Ele escondeu um coice, meio esperando uma sacudida de nano robôs por sua impertinência.

Em vez disso ela voltou a escanear as pessoas em volta, a tensão visível em seus magros ombros. Ela podia ser paranoica, mas ao menos não era uma cadela.

Poderia ser mais fácil se ela fosse.

Mas, cadela ou não, nanos ou não, ele tinha que escapar. Ele tinha um traidor a matar e necessitava advertir a Kuarc Lorenzo sobre a toupeira em sua organização. Só Deus sabia o tanto que havia prejudicado o espião à rebelião.

Rance franziu o cenho com preocupação em seu pensamento. Ele havia conhecido a Kuarc por anos e o considerado um amigo. Apesar de ser aristocrata, ele havia declarado sob juramento abolir a escravidão uma vez que chegasse a ser Imperador. Por isso que Conlan Shipping havia estado provendo a seus rebeldes com armamento nos dez anos passados.

Era malditamente certo que Kuarc seria um melhor governante que a desculpa bêbada de sua irmã. Até onde se poderia dizer, a única coisa que Zarifa Lorenzo tinha a seu favor era que ela era legítima enquanto seu irmão não. Ainda que o homem chamado O Bastardo era muito mais honrado.

Assim, se Rance tivesse que machucar a Selan para escapar, realmente não haveria escolha. Amizade, honra e sua própria sede de vingança não lhe davam alternativa.

Por outro lado, sempre poderia seduzi-la... O pensamento chegou de nenhuma parte, com o particular som de lago que havia estado se permeando no fundo de sua mente por algum tempo. Rance piscou, então entrecerrou seus olhos com interesse.

A sedução sempre havia sido uma habilidade sem nenhum esforço pra ele. As mulheres eram fascinadas com os shifters, que tinham a reputação de uma sexualidade animal e uma resistência desumana. Desafortunadamente, ainda que o sexo chegava facilmente, o romance era um pouquinho mais difícil. Uma carreira de contrabando no império podia ser vantajosa pra Rance e sua tripulação, mas isto também significava meses longe de casa. Mais de uma de suas parceiras se haviam apaixonado por alguém mais quando ele havia retornado.

Porém, Rance conhecia as mulheres e ele sabia que Selan o desejava como ele o fazia. Ele poderia metê-la na cama, fazê-la se apaixonar, fazer que ela se preocupasse por ele. Com um pouco de paciência, poderia inclusive ser capaz de convencê-la a deixá-lo livre. E se isso não funcionasse, ele sempre poderia ficar cruel.

Gerik Natalo espreitava dentro da câmara particular de seu pai, os calcanhares de suas botas golpeavam rapidamente os ladrilhos brilhantes como pedras preciosas.



Ele encontrou ao regente escondido atrás do computador como uma garça caçando entre as águas do pântano, o longo nariz apontava pra baixo, o rosto fino ferozmente concentrado enquanto cravava os olhos na tela de dados.

Umar Natalo era quase tão alto como Gerik, pesava uns bons cinquenta quilos menos, sua pele esticada muito tensa sobre os ossos e os tendões. Os ombros de sua jaqueta de veludo negro estavam acolchoadas em uma vã tentativa de fazer parecer como se tivesse mais carne sobre seu corpo. O cordão dos sapatos pretos derramavam ao redor de suas mãos magras e um rubi brilhava como uma piscina de sangue em sua intrincada gravata negra. A escura e rica roupa só chamava a atenção de sua pele pálida, fazendo-o parecer muito mais como um vampiro de algum mito arcaico. O qual, conhecendo a Umar, era provavelmente sua intenção.

O regente ainda não havia visto quando Gerik se pôs firme na sua frente atrás da nave de combate de sua escrivania. Gerik não estava surpreso. Seu pai ainda não o havia perdoado por permitir que Zarifa escapulisse entre seus dedos.

Bem, ele a encontraria eventualmente e ela pagaria por humilhá-lo. Eles não o chamavam de Punho do Regente por nada.

Na espera de que Umar se dignasse a notá-lo, Gerik arrastou os dedos de sua mão direita no punho de sua espada e permitiu a seus olhos vagar ao redor do quarto ricamente mobiliado. Mal percebeu as cores cintilantes com seus móveis dourados, os tapetes vermelhos e as estátuas de ouro de escravos nus. O sangue ordinário de Umar tinha uma forma de sair à vista em uma certa falta de gosto.

Foi afortunado que a mãe de Gerik era um membro da linha real. Não só ela compensava pela quantidade de pecados de seu pai, sua ascendência fez a Gerik um candidato aceitável a mão de Zarifa. Ao menos aos olhos da nobreza.

Zarifa era outro assunto. A cadela de gelo o odiava- e era mútuo.

—Ela foi encontrada.

Gerik avançou dando tombos.

—Zarifa?

Seu pai levantou uma sobrancelha negra como carvão debaixo do cabelo cortado com estilo em uma queda elaborada de seus cachos negros.

—Há outro fugitivo que escapou de você?

Ofendido, ele olhou cheio de cólera.

—Não sou o único de quem ela se livrou, pai. Descobriu como ela conseguiu romper seu controle?

O olhar fixo gelado de Umar se estreitou.

—Parece que você estava certo. Chegou a suas mãos um nano sistema imperial de combate.



Ele havia suspeitado pela forma em que ela lutou, tão diferente de cada tentativa prévia que ela havia tratado de se opor a ele.

—Averiguou de onde o tirou?

O regente encolheu os ombros.

—Mercado negro, sem dúvida. Ela tinha dinheiro pra isso. Tenho a evidência de que ela transferiu trezentos milhões de imperiais de suas contas pessoais.

Ele amaldiçoou.

—Ela pode ter comprado uma nave de combate com todo esse dinheiro em efetivo.

—Entre outras coisas. Parece que ela também comprou um certo escravo lobisomem.

—Conlan? - Gerik apertou os dentes. —Te disse que deveríamos ter matado a esse bastardo!

—Senti que a escravidão era um castigo muito mais irritante.

—Não, você só estava buscando encher seus bolsos!

—Cuidado com sua língua!

Gerik se acalmou, olhando furiosamente a seu pai.

—Não compreendo como se engenhou para obter a independência de seu sistema instalado, pra começar. Quando ela rompeu seu controle?

Umar encolheu seus ombros e se reclinou em sua poltrona maciça semelhante a um trono.

—O dinheiro foi transferido faz três semanas. Assumo que foi um pouco antes disso.

—Em seu aniversário. —Gerik passou suas mãos por seu cabelo e deu um puxão frustrado. — Deve ter sido um dos presentes.

—Provavelmente. Houve várias coisas que o testamento de seu pai especificou pra que ela recebesse quando alcançasse a maioridade.

Gerik olhou com raiva.

—Você permitiu isso?

Umar tamborilou com as pontas dos dedos sobre sua escrivaninha.

—Aparentemente o advogado do Imperador estava mais resoluto do que esperei.

—Faça que o bastardo seja assassinado.

—Já tenho o bastardo morto.

—Oh, já o fez.

Um pensamento novo lhe golpeou, deu um puxão em sua barriga com um nó mórbido.

—Pensa que ela sabe?

Umar encolheu os ombros.

—Devemos assumir que sim.

—Se ela contar ao bastardo.

—Ela não terá a oportunidade. —A voz de seu pai foi dura e gelada.

—Ela estaria condenada. Onde está ela agora? Eu farei...



—Você ficará aqui mesmo. —A voz de Umar poderia estalar como um chicote de um negreiro quando precisava. —Pus em prática um plano. A teremos de volta em pouco tempo. Enquanto isso, você me servirá melhor se permanecer aqui. O bastardo está planejando algo. Quase posso cheirá-lo no vento. —Seu longo nariz se torceu, como se tivesse apanhado o cheiro de Kuarc Lorenzo.

—Não se preocupe com Kuarc. —A mão de Gerik apertada em sua espada.

—Cuidarei dele. —Umar levantou uma sobrancelha outra vez. —Negociarei com ele.

Umar levantou a sobrancelha de novo.

—Vê se melhora. Se falhar nesta missão, meu filho, não haverá outra oportunidade.

Capítulo quatro

Zarifa podia sentir a Mad Dog caminhando atrás dela, andando como um grande animal.

Algo nele parecia difundir sexo cru. Ela podia sentir sua intensa sensualidade em cada fio de cabelo que caía na parte de trás de seu pescoço, em seus mamilos que se elevavam duros, sentindo formigamento por atenção, na tensão que se apresentava entre suas coxas.

Vamos fazer amor. Ela corrigiu esse pensamento com a brutal honestidade que seu pai ensinou a ela: *não, vamos fazer sexo.* A ideia brilhou tenuemente em sua mente, dançando nas ondas de calor que surgiam em seu sangue. Havia se passado seis anos desde que ela se atreveu a se arriscar a sentir.

Ainda que ela se atrevesse a se arriscar no prazer furtivo do sexo. Depois de observar a execução de seu amante por traição, ela não havia tido o desejo de arriscar a vida de outro homem. Não quando Umar o havia feito tão cruelmente. Claro que ele faria qualquer coisa para controlá-la e mantê-la sob seu poder. Uma prisão que ela estava bem condenada a quebrar. Livrar-se dele e de seu filho havia sido o primeiro passo em seu plano. Haveria mais a fazer mais tarde, mas por agora...

Ela estava livre - livre pra provar a seu Mad Dog sedutor.

Infelizmente, ela não tinha nem ideia de como começar. Pedir que lhe faça amor parecia ser muito forçado, mas sua experiência pessoal não se estendia a sedução.

Ainda lutando com o problema, Zarifa se encaminhou para o vasto e ressonante corredor que era Porto Gamma, depois de intermináveis filas de eclusas³ que levavam aos tubos umbilicais de atracamento. Cada tubo segurava uma nave a uma distância precisa da Estação Market. Alguns dos tubos eram suficientemente amplos para que as pessoas pudessem caminhar lado a lado, enquanto os outros - esses eram para as naves de carregamento - eram tão grandes como algumas naves.

³Uma **eclusa** ou **comporta** é uma obra de [engenharia hidráulica](#) que consiste numa construção que permite que [barcos](#) subam ou desçam os [rios](#) ou [mares](#) em locais onde há desníveis ([barragem](#), quedas de água ou [corredeiras](#)).



Vendo a eclusa que ela queria, Zarifa enviou uma silenciosa mensagem através do sistema de comunicação nano robô. "Aquela é minha nave", disse a Rance assim que a grossa porta se deslizou com um chiado.

Entraram e fizeram uma pausa, na espera que a eclusa completasse seu ciclo e os deixasse fora do tubo. Ela rodou um olhar pra cima no perfil severo de seu escravo. Ele parecia sombrio e do tipo rude, mais um guerreiro cauteloso que um brinquedo sexual.

Ele encontrou seus olhos. O calor brincou entre eles como uma chama, tão abrasadora que ela teve que segurar o fôlego. Ele a estudou, seus olhos ferozes de lobo, com uma fome elementar que não tinha a ver com submissão e tudo a ver com exigência pura viril.

A eclusa se deslizou se abrindo, quebrando a tensão quente. Ele deu um passo atrás pra que Zarifa o seguisse.

Ele se deteve justo a ponto de cair com o olhar fixo ao redor do corredor estreito com olho experiente.

—Este é uma nave de classe de Phoenix, não é?— Em contraste do calor sexual que ele havia exsudado antes, a pergunta foi bem definida, recortada, de modo completamente profissional de guarda-costas.

—Sim. —Ela observou curiosamente como ele rondou o corredor. —Como pode saber?

—Minha família possui a Conlan Shipping. Tivemos um tipo ou dois de Phoenix.

—Assim você é um comerciante?

—Sou um capitão. —Ele disparou um olhar desafiador a ela, como se esperasse que ela lhe lembrasse que ele era só um escravo agora. Quando ela não disse nada, ele relaxou. — Estou surpreso que sua companhia lhe tenha cedido uma classe Phoenix, sem dúvida. —O modelo era notavelmente de baixo poder e lento, o que o fazia uma escolha improvável para uma nave de mensageiro.

—Algum armamento?

—Definitivamente. Ela não é do seu tipo de Phoenix. —Zarifa despachou os sistemas de armas e os realces do motor até que as sobancelhas de Rance começaram a se levantar.

—Soa como se o dono anterior fosse um contrabandista.

Ela expressou com um aberto sorriso.

—Sim, soa como isso. —Ele se viu intrigado como ela voltasse a se dirigir para o poente. —Bem vindo à Esperança do Império.

Quem estava atrás de sua nova ama? E quem estava na frente dela de qualquer forma? Ele a estudou enquanto ela o conduzia pelos caminhos estreitos de sua pequena nave com evidente orgulho. Cada vez que ele pensou que tinha uma opinião formada dela, ela se transformava ante ele como um camaleão Drago, mudando de forma, cor e estado de ânimo, mantendo-o em constante desequilíbrio.



Lady Selan, meu traseiro. Esse não era seu nome. Caramba, provavelmente tampouco era seu rosto. Um bom nano sistema poderia criar uma imagem de disfarce tridimensional pra fazer parecer com quem quisesse. O que para ele não importava em nada.

Ela era na realidade uma mensageira? Certo, esse era um trabalho que aristocratas algumas vezes caíam – as filhas normalmente aborrecidas e aventureiras e os filhos mais novos sem pretensão de herdar. Mas de certa forma ele teve problema a imaginando como subordinada de uma companhia. Ela tinha modos muito autoritários.

Além do mais, ela não havia duvidado em perder dois milhões de imperiais em um lobisomem escravo, o que não sugeria uma menoridade em todo caso.

Poderia ser uma agente do governo , sem dúvida, em cujo caso o melhor seria ir com cuidado.

Ou um dos espões de Kuarc. Ela era certamente idealista suficiente.

Precisava manter uma conversa se quisesse averiguar quem era ela.

A sedução que ele esteve contemplando soou como um bom começo.

Mad Dog a deixava nervosa. Desde o momento que haviam dado um passo a bordo, ele a havia estado observando como um dos seus irmãos peludos cravando seus olhos em um gordo cervo que brincava nos bosques.

Porque , em nome da doce Senhora , teriam pensado em fazê-lo de escravo?

Zarifa se sentou em sua cadeira de controle , lutando pra se concentrar com Rance sentado ao seu lado no assento de copiloto. Suas mãos descansavam sobre os controles manuais, pronto pra operá-los. Ela havia conectado seu nano sistema com o computador da Esperança do Império para guiar a nave através do porto.

Três meses antes, ela não teria tido nem ideia do que fazer – mas isso foi antes que houvesse entrado na maioridade. Seu novo sistema de nano robôs de combate a havia ensinado as habilidades de piloto que havia necessitado pra escapar.

Agora, o desdobramento de controle tridimensional emitiu verde e azul brilhante como ele orbitava em seus assentos. Seus esquemas estilizados mostravam as outras naves aglomeradas ao redor dos braços de atracamento da Estação Market. E ela sabia exatamente o que fazer.

Zarifa guiou a Esperança em torno de uma maciça nave de passageiros para então virar para fora com a velocidade de um pequeno mensageiro de tamanho menor. Levou mais de uma hora de navegação exasperante para clarear o tráfico da Estação Market, então ganharam velocidade e força além da orbita do sistema circundante estelar e o espaço vazio.

A autorização do comando da estação veio minutos mais tarde e ela pressionou super-c. Os motores fizeram um ruído como um zumbido, como um filtro supersônico , foi sentido mais na base do cérebro que nos ouvidos. Por um instante, a realidade se deslizou fora de rumo com uma pequena sacudida que deu náuseas. Tudo adquiriu uma aura de arco íris...



E então acabaram no superespaço e as auras desapareceram, junto com esse pequeno zumbido psíquico ofensivo. Ela suspirou de alívio.

—Lindo passeio. — Houve algo em sua voz, uma nota de experiência, que lhe falava que ele sabia exatamente o que estava falando. Mas então, um capitão mercador o faria.

Zarifa piscou. Cada vez que ela emergiu de uma sessão intensa de voo, havia sempre um momento de desorientação, como acordar de um sonho vívido.

Rance esperou pacientemente enquanto ela voltou a consciência do aqui e agora.

— Obrigada.

Ele se levantou do assento de copiloto, todo armadura cintilante e força própria dos homens. — Precisar-se-á acoplar outra vez ou estará livre nas próximas horas?

—Estou livre. —Ela esfregou ambas as mãos em seu rosto. —O computador da nave pilotará até que cheguemos a nosso destino.

—E quanto tempo levará isso?

Zarifa encolheu os ombros.

— Aproximadamente três semanas, assumindo que não encontremos feias surpresas. —Como o Punho, esperando arrastá-la de volta a Throneworld.

—Bom. — Um sorriso matreiro curvou seus lábios. As mãos blindadas fecharam em seus ombros e a puxou suavemente da cadeira de piloto. A dirigiu contra o liso, frio nanotium. —Sei justamente como ocupar nosso tempo.

A surpresa a pôs rígida. O escravo que ele era, não havia esperado que fosse tão arrojado.

Ele vacilou simplesmente uma batida de coração, lendo os olhos dela. Se assegurando que estivesse disposta.

Ela recobrou seu fôlego e molhou os lábios secos.

Seus olhos seguiram sua língua. Ardiam como ouro derretido.

Apesar de sua agressão repentina, não houve nada de moderador em seu beijo.

Seus lábios eram quentes, surpreendentemente suaves, docemente sedutores, um galanteio cortês de lábios e língua.

Isto não era nada parecido com os beijos infantis torpes que ela havia aprendido com seu amante.

Ou até a violação que a boca de Gerik sempre havia praticado. Rance se deslumbrou, seduzido com cada doce lambida, com cada fôlego suave.

Ele continuou beijando-a, lentamente, pacientemente, até que suas mãos pararam finalmente em sua cintura. Sem apertá-la furiosamente contra ele e sim segurando-a com o abraço de um amante. Era mais como algo que ela havia visto em filme que qualquer coisa que ela tivesse conhecido na vida real.



Zarifa se encontrou relaxando em seu beijo, se abrindo para o suave pedido de sua língua ao longo de sua boca. Tinha gosto de enxaguante bucal de menta, mas debaixo havia algo sombrio e selvagem, um indício de bosque e chuva.

Impossivelmente delicioso. E também perigoso.

Ela beijava como uma virgem. Doce, ignorante, um tanto insegura, ainda assim deliciosa, trêmula de necessidade que o pôs duro como uma pedra, como uma pedra dentro de sua armadura.

Ele respirava duramente quando levantou sua cabeça. —Penso – disse Rance roucamente, - que ambos estamos muito vestidos.

Seus olhos se arregalaram quando ele tirou suas luvas de segurança.

Fizeram um som pesado quando as deixou cair sobre o chão. Ele tratou de alcançar a gravata e ela se congelou, observando-o com esses olhos grandes, preciosos. Seus lábios se abriram, o tentando com a intenção de beijá-la outra vez. Ele facilmente poderia aprender a desejar ardentemente seu sabor.

Combatendo a exigência do seu corpo para se apressar , ele lentamente desatou o cordão branco ao redor de sua garganta fina. E a lançou na cadeira de copiloto e alcançando os botões de ouro descendo abaixo de sua jaqueta escarlate. Quando cada botão se abriu prontamente com um pequeno som, um pedacinho da fina camisa apareceu, debaixo apareceu seu quente e fragrante corpo.

Ele morria por saboreá-la. Para enterrar seu rosto contra a curva elegante de seus seios preciosos, tomar seus mamilos em sua boca. Saborear cada centímetro sedoso.

Haviam se passado meses desde que havia tido uma mulher. Desumanizado pelos meses de privação e tortura, de humilhação e frustração demolidora.

Meu Deus, ele necessitava isto. Ele a necessitava.

Os diminutos botões de pérola de sua blusa se abriram , revelando uma camisa de renda fina.

Rance resistiu ao impulso de simplesmente rasgá-lo em dois. Em vez disso, ele a tirou por cima de sua cabeça e permitiu que se deslizasse para suas mãos.

Ela o olhou, mordendo o lábio inferior, incerta da reação dele. Como se ele pudesse sentir qualquer coisa exceto ao desejo da visão de sua perfeição.

Seus peitos eram doces e pálidos, e redondos, coroados por mamilos rosados e bonitos, apertados com sua fome. Lhe lembraram caramelos.

—É linda, - Rance disse a seus olhos verdes indecisos.

Assim que o prazer tímido encheu seu olhar fixo, ele a alcançou. Sua pele era tão suave e boa como a seda que ele acabava de desnudar. Seus seios sobressaíam em seu tórax estreito, grandes o bastante para encher suas mãos. Ele acariciou com o polegar um dos mamilos de veludo e o observou se erguer ainda mais silenciosamente, implorando sua boca.



Ele se inclinou e o lambeu. Formando redemoinhos com sua língua sobre o centro de seu peito e o lambeu. Sugando.

Seu gemido era a coisa mais doce que ele alguma vez havia ouvido.

Capítulo Cinco

Zarifa agarrou os ombros de Rance quando ele a recolheu tão facilmente como se a gravidade houvesse sido suprimida. Ele a colocou na cadeira do piloto e segurou uma de suas botas nessas mãos grandes, fortes. Tirando-a completamente, ele a deixou cair com um golpe e atacou a outra bota com igual determinação. Golpeou a coberta um instante mais tarde e ele foi atrás de suas calças muito justas.

Ela o observou, enjoada com excitação nascente. Ele contudo ainda estava usando a armadura completa e cada vez que se movia, a luz se deslizava sobre o nanotium brilhante como água. Isso era algo tão chocantemente erótico, estar nua quando ele estava vestido como um conquistador invasor.

Seu rosto duro, anguloso, com uma expressão de fome selvagem mas suas mãos fortes eram cuidadosas e cálidas enquanto ele tirava suas calças.

Zarifa tremeu. Ela podia se sentir pequena, suave e ansiosa.

Finalmente ele deu um passo atrás e só a olhou, se elevando sobre ela com uma patente luxúria masculina em seus olhos.

Zarifa lambeu os lábios.

—Ainda está vestido.

Ele levantou uma sobrancelha escura.

—Minha ama me ordena que fique nu?

Sua boca parecia que tinha areia.

—Quero vê-lo.

- Você me viu. —Seu olhar foi um pouco distante.

Nu. Com um colar no pescoço. Humilhado.

— Não. Quero vê-lo como você é.

Foi o correto. Um sorriso imperceptível se frisou nos lábios quando ele alcançou o selo de sua couraça.

Zarifa o observou, doendo, enquanto ele tirava cada peça e deixava de lado com o cuidado de guerreiro para seu equipamento. Ela recobrou seu fôlego ao que revelou: a exibição de seu tórax largo enquanto ele se dobrava, o poderoso conjunto de bíceps e tríceps, as ondas de seus músculos e panturrilhas. E o resultado grosso de seu pênis, descarado, macho e faminto. Não havia nada de



subordinado em seu empurrão exigente, em seu comprimento colorido de cetim vermelho escuro pela necessidade. Suas bolas estavam cheias e se viam encantadoramente inchadas, cobertas com o mesmo pelo sedoso que repetia em linha pra cima de seu estômago pra formar um nuvem em seu peito.

—Você é lindo. —As palavras se liberaram dela sem consciência.

Um brilho de desconforto iluminou seus olhos , mas em vez de negá-lo ele inclinou sua cabeça.

— Obrigado.

Ela não pode deixar de sorrir.

—Sei que esta não é a primeira vez que uma mulher diz o quanto você é bonito.

Ele sorriu abertamente. —Bem, não. Mas eu notei que estão sempre nuas no momento.

—Então é assim? Sob a influência de seus poderes de sedução?

—Algo assim. —Rance foi pra mais perto da cadeira do piloto e caiu de joelhos. —Tenho o rosto de um lutador de boxe, eu sei.

Antes que ela pudesse desaprovar a descrição, ele apanhou seus tornozelos e os enroscou em seus amplos ombros. Zarifa ficou de boca aberta firmada em seus cotovelos pra olhá-lo.

—O que está...?

—O que você pensa?- Ele baixou sua cabeça com um aberto sorriso de dentes brancos e lobinos. O primeiro traçar de sua língua pelos seus lábios exteriores quase a catapultaram pra fora da cadeira de piloto.

Ao mesmo tempo em que ela gritou, ele fez algo com os controles da cadeira, inclinando o assento pra trás enquanto mantinha as pernas dela abertas. Então ele cravou os seus dedos embaixo de seu traseiro e a levantou até sua boca.

E fez um festim.

Não havia outra forma de descrever a dança polida de sua língua em cima e ao redor de sua carne interior, pela maneira que seus dentes apanhavam brandamente seu clitóris em seus lábios.

Seu primeiro amante havia tratado de lhe dar prazer, mas não havia sentido nada assim. O deleite a chamuscou com cada golpezinho úmido de sua língua, cada preguiçoso e circular golpe. Suas pernas apertadas convulsivamente sobre suas costas. Ele fez um som baixo e áspero de satisfação.

Quando ele provou sua abertura, seu deslizamento interior, ela se contorceu, sem fôlego, impotente, suas mãos agarrando-se a ele, seus dedos se enredando na seda grossa de seu cabelo. Ele bombeava o dedo mais profundo e formou redemoinhos com sua língua ao redor de seu clitóris, rindo profundamente em sua garganta quando ela deu gritos agudos.

—Como está, ama?- Houve simplesmente uma piscada de mofa nessa última palavra, mas a Zafira não importou.

—OH, doce Senhora!- Ela fechou seus olhos com força quando o prazer a tomou de assalto.

—Mais!



—Seu desejo. —ele mordiscou suavemente- é minha ordem.

Assim quando ele mergulhou seu dedo dentro e fora dessa forma enlouquecedora, sua mão livre sobre seus peitos, cavando-a com força afetuosa, devorava e acariciava seus mamilos.

O prazer correu através dela em uma maré quente que lhe teve com os músculos convulsionando.

Ela apertou seu agarre em seus cabelos, puxando. Se afogando. Se intoxicando.

Rance amou a maneira que se sentiu com ela se contorcendo contra sua boca, seu longo corpo magro se arqueando debaixo de suas mãos.

Sua. Ela poderia lhe possuir, nas agora mesmo ele a possuía. Seu corpo bailava ao som de sua melodia, sua voz radiante lhe suplicava o prazer que só ele poderia dar.

Ele estava duro como uma pedra.

—Mad Dog – ela gemeu, rodando seus quadris contra seu rosto- Doce Senhora, por favor!

Ele levantou sua cabeça, repentinamente odiando esse nome com uma paixão. —Rance. Meu nome é Rance.

—Rance! Rance me leve a loucura!- Havia uma nota de desespero genuíno em sua voz que o fez sorrir abertamente no prazer sombrio.

Oh, sim. Ela era sua. Levando seu tempo, ele a saboreou, desfrutou de cada gemido, de cada contração nervosa de suas longas e musculosas pernas , cada rodar de seus quadris. Ele cavou seus seios.

Com sua mão livre, apertando e brincando com seu peito, impulsionava sua fome mais e mais alto.

Ela se convulsionou, fazendo um som desesperado, suplicante.

E ele não poderia aguentar mais. Ele tinha que tê-la.

Agora.

Em uma manobra faminta , ele se afastou dela, segurou seus quadris delgados e a levantou. Ela gemeu um protesto incoerente, mas ele já se havia movido para o meio de suas longas pernas. Agarrando seu pênis dolorido em uma mão , ele se posicionou na abertura de seu sexo.

Esse primeiro empurrão foi um longo deslizamento líquido que soltou um grito de sua boca. Ela deu um grito apagado e se convulsionou. Suas pernas envolvidas ao redor de sua investida em um feroz e forte agarre.

Reforçando um braço com encosto da cadeira ele começou a rodar seus quadris, martelando duro, tomando-a. Desfrutando do quente, cremoso agarre de seu pênis.

Quando ele a montou ele observou seu rosto, amando a maneira que ela inclinava a cabeça pra trás em êxtase.

Amendo a ruborizada curva de sua boca enquanto ela ofegava ao mesmo tempo que seus empurrões.



Minha.

Foi um pensamento irracional e ele sabia. Ela não era dele, não poderia ser dele.

Ele ainda não sabia quem era ela , que tipo de jogo fazia.

Mas seu corpo, sepultado profundamente dentro dela, insistia que era onde se supunha que ele deveria estar.

E Deus meu, era tão doce.

Rance cerrou seus olhos, deixando o leite muito quente o tomar, sentindo pulsar e apertar suas bolas. A beira de se derramar.

Ela gritou agudamente e convulsionou. Ele abriu seus olhos pra observar seu orgasmo a inundar. Seus músculos interiores diminutos apertaram ao redor de seu pênis, cada delicada convulsão enviava outra sacudida que apertava suas bolas.

A convulsão o pegou de surpresa, o derrotando com um bramido no clímax.

Minha, esse algo tão primitivo troou em sua cabeça. *Minha!*

Longos minutos se passaram antes que ele recobrasse o suficiente pra arrastar a si mesmo pra fora dela, levantando-a e tomando seu lugar na cadeira do piloto. Ela gemeu em protesto com sono mas apaziguada assim que ele a acomodou em seu colo e ela acomodou seu rosto contra a parte de baixo de sua mandíbula.

Rance suspirou e abrigou seus braços suados ao redor dela. Se permitiu relaxar, flutuar na sequela.

Deus meu, como poderia duvidar do quanto malditamente bem se sentiu? Logo depois de tantas semanas de desamparo e humilhação , era delicioso ser um homem outra vez. Ser tratado como um homem outra vez.

O doce prazer lhe atacou duramente como um leve sono, como uma pluma dando voltas dentro da brisa. Até que ela falou.

—Mad Dog? Digo, Rance?

—Hummm?- Ele esperou que ela se assentasse e os deixasse dormir.

—Penso que está na hora de te contar o que ocorre. Porque eu preciso de você. O que lhe darei por me ajudar.

Ele se sacudiu da leve lassitude e abriu um olho cauteloso, então levantou sua cabeça pra olhar pra baixo. Seus músculos ficaram tensos .

—Estou ouvindo.

Ela suspirou profundamente.

—Meu nome na realidade não é Lady Selan. Este não realmente meu rosto. Meus nanos o fizeram como um disfarce.

—Suspeitei algo assim. —Ela o estudou cautelosamente. —Então quem é?



—Esta é uma história muito longa. Seria mais fácil demonstrar. —Então observou a mudança que se fez em seu rosto. Não foi uma mudança muito grande — Na maior parte na cor de seus cabelos e seus olhos. A forma de seu nariz, a curva de seu boca, o alto e orgulhoso ângulo das maçãs de seu rosto permaneceu igual.

Mas ao mesmo tempo em que seu cabelo se tornava chamas vermelhas cintilantes e seus olhos se tornavam de um violeta profundo, um sentido de desorientação o esmagou. Rance conhecia este rosto. Ele o havia visto em documentários e noticiários e nas revistas de entretenimento tantas vezes, estava marcado em sua consciência.

—Zarifa, - ele mal respirava. —Você é a Imperatriz Zarifa Lorenzo.

A fúria se derramou por cima dele como uma onda resplandecente. Ela havia o julgado um idiota.

Zarifa conhecia este olhar. Reconhecimento. Desprezo. Ela o havia visto tantas vezes em tantos rostos.

—Então isto era um jogo, de qualquer forma. —A voz de Rance estava fria, distante. Seus braços haviam caído em volta dela. —Você não esteve nunca em perigo.

A amarga decepção rodou por cima dela, tão intensa que ela desejou esbofetear o rosto arrogante. Ela se levantou de seu colo e começou a recolher suas roupas.

—Lhe asseguro Mad Dog – ela usou seu nome em tom gozador. —... Não jogo.

Ele nem se preocupou em se levantar enquanto ela o olhava.

— Porque uma mulher com sua própria guarda palaciana precisaria da proteção de um escravo shifter? - Era óbvio que ele pensava que era outra bêbada, publicamente ofensiva, o tipo de notícia que os repórteres de Throneworld adoravam. O tipo que Umar se assegurava amavelmente de que a protegera.

—Talvez seja da guarda palaciana de que preciso me proteger. —Zarifa avançou a saltos em sua camisa e a abotoou com suas mãos trêmulas por seu temperamento. Ela deveria estar acostumada a isto. Até certo ponto ela estava. Uma hora atrás ela não teria se chateado em ver esse olhar nos olhos de Rance.

Mas isso foi antes dela ter feito amor com ele.

Experimentado sua impressionante ternura. Sentido como ele havia se importado.

Porque infernos o arruinei? Mas ele tinha que saber o que eles enfrentavam e ela teve medo de que se esperasse muito mais tempo ela perderia a coragem de contar a ele.

—Seus guardas tentaram te matar? Porque não disse a Umar? - Seu lábio se curvou em descrença quando disse o nome do regente.

—Porque eles fazem o que Umar ordena que façam. —Seu rosto ficou tão duro com incredulidade, ela xingou e pegou rapidamente suas calças.



—Não tenho paciência pra isto. Você quer ser livre ou não?

Rance piscou, a surpresa substituindo o desprezo. Não o havia visto chegar, não era assim? Os olhos de ouro se estreitaram com suspeita. —Você me liberará? Por quê?

Porque sei o que é ser um escravo. Não que ele acreditasse nela.

—Preciso voltar a Throneworld e me encontrar com Kuarc Lorenzo. —Ela sacudiu com força suas calças sobre seus quadris e os abotoou, então pegou a bota que estava mais próxima e se sentou na cadeira do piloto para colocá-las. —Tenho uma informação que ele precisa. Seu trabalho é me proteger dos homens do regente enquanto eu o encontro.

Rance se levantou da cadeira e baixou um olhar fixo pra ela, Seus punhos apertados em seus quadris nus.

— Você espera que eu acredite que quer ajudar ao Bastardo – quando você é uma contra a qual ele se rebela?

Ela sacudiu com força a bota a sua frente e pegou a outra.

— Umar é o único contra quem ele se rebela.

—E se seu irmão a assassinar Umar está fodido. Seu filho perde a oportunidade de ser o Imperador, Kuarc se encarrega disso e a primeira coisa que ele fará será ordenar a execução do regente.

Era uma expressão de preocupação real por ela que via nesse rosto duro lupino?

Provavelmente pensava que ele morreria tentando me manter viva. — Kuarc não me matará.

—Ele não pode se permitir ao luxo de fazer outra coisa.

Ela se lembrou do menino mais velho risonho que ela havia adorado quando era uma menina.

—Meu irmão não é um assassino. —De pé, pisou forte pra acomodar suas botas em seus pés.

Rance a observou, sua expressão impaciente. —Há uma guerra a frete, Zafira. A matança é do que se trata a guerra.

Zafira se encurvou pra frente e olhou duramente em seus olhos.

—Assim terá que me manter viva e me levar até ele e eu o soltarei. Tirarei os códigos de controle de seu nano sistema e arrumarei um decreto imperial que o tornará um homem livre. Você poderá ir pra sua casa com todos os outros lobisomens e esquecer qualquer coisa disto que ocorreu. Ainda mais, dê um chute no traseiro de Casus na volta pra casa.

—Se você diz. —Sua mofa patente disse a ela que ele não acreditou numa palavra que saiu de sua boca.

—É melhor você se assegurar que eu o faça. Ou você morrerá como um escravo. —Incapaz de suportar mais, Zarifa foi até a porta. Antes que ela estivesse fora ela estalou. — Vá tomar um banho. Fede a sexo.

Assim que o fez ela se recusou a se deixar lastimar.



Capítulo Seis

Rance nu, deixou a ponte e marchou até a popa, buscando com a cabeça. Sua Alteza Imperial estava certa, ele precisava de um banho.

Que diabos de tipo de jogo ela estava jogando?

Assumindo que ela estava jogando depois de tudo. Ele não podia reconciliar a mulher que veio em sua defesa contra Casus com a garota irresponsável que ele sempre acreditou que ela fosse.

E porque ela estava tão decidida a falar com Kuarc? Que tipo de informação tinha ela que arriscaria sua vida pra comunicar? Por que não só pegava seu computador e chamava ao homem? Ir em pessoa virtualmente assegurava que ela terminaria morta ou refém e não havia uma condenada coisa que um pequeno lobisomem pudesse fazer pra protegê-la.

A menos que ela estivesse tratando de colocar uma armadilha elaborada , com ela mesma como isca.

O que, francamente, deixava a ele como um tipo de estúpido.

Ainda que Kuarc não a matasse , o regente iria decididamente em busca de seu sangue.

Qualquer coisa que ela tivesse a dizer ao Bastardo estava garantido que era algo que Umar queria manter em segredo. Ele enviaria cada homem que ele tivesse atrás dela.

Franzindo o cenho , Rance encontrou a cabeça principal da nave e entrou , coçando a ruga que ele podia sentir crescer entre seus olhos. Um box transparente com ducha ocupava o centro do local, e ele se dirigiu para lá.

A porta se deslizou e ele entrou. —Nave, jorro completo, espuma grossa, trinta e oito graus Celsius.

A água quente com sabão jorrava das incontáveis boquinhinhas minúsculas do box , golpeava seu corpo em todas as direções. Rance suspirou de prazer. Ele não havia tido mais que duchas sônicas desde sua captura, e ele sentiu falta do indiscutível calor da água verdadeira.

Ele havia perdido tantas coisas.

Uma imagem passou como um relâmpago por sua mente: o corpo magro de Zarifa subindo contra ele e o encontrando com seus empurrões com uma torpe avidez cativante. Rance franziu o cenho. Ela certamente não havia feito amor como uma prostituta marginal cuja reputação ela tinha. Mais como alguém que era tudo exceto uma virgem. O que não fazia sentido. Os noticiários a haviam associado com incontáveis homens inclusive seu noivo, Gerik Natalo, o filho do regente. Uma mulher como essa conheceria a forma de se comportar ao redor do corpo de um homem. Por que ela dissimularia de qualquer maneira?



Rance permaneceu na ducha , pensando ensimesmado, até que as boquinhinhas começaram a enviar ar quente seco sobre sua pele, enviando ao seu pelo uma tormenta de vento em miniatura.

Quando ele saiu pouco depois, ele estava limpo e seco outra vez. Nenhum rastro do perfume de Zarifa ficou sobre seu corpo. Para sua surpresa, se encontrou se arrependendo de sua perda.

Ele pisou suavemente no seguinte quarto, o qual resultou ser as instalações do capitão.

De Zarifa, a julgar pelo traje de armadura próprio de mulheres que estava em pé em um canto.

Outra vez, o quarto não era o que ele havia esperado. Em vez de roupas espalhadas em cada superfície, a cabine estava tão limpa quanto a cela de uma monja e tão sombria quanto. Um beliche suficiente apenas pra uma pessoa curvada sobre as cobertas, coberta em um chapeado de noz que brilhava suavemente sob as luzes do teto. A cama havia sido feita com algo semelhante a uma obsessiva limpeza, ele podia ver-se refletido no ouro imperial sobre a colcha azul escura.

Uma escrivaninha fazendo jogo e uma cadeira ocupavam o canto oposto da armadura , os dois pareciam combinar em torno da escrivaninha em curvas em forma de noz. No centro do quarto pendurava um globo , atualmente projetando uma imagem do super - espaço em um arco-íris de cores.

Rance ignorou o globo a favor do traje de armadura , o qual apresentava o mesmo impactante esquema de cor vermelho e negro que tinha no seu . A diferença principal era o escudo heráldico que estava marcado no ombro direito do traje. Sem dúvida no lugar do escudo imperial, um leão agarrando uma nave entre suas garras, este desenho lhe era desconhecido: um dragão rompendo em um campo de estrelas.

—Nave – ele disse em voz alta. —de quem é esse escudo de armas?

—Da Casa Lorenzo.

Não era o tipo de traje que você usaria em um esforço de se esconder quem você de fato era, então? Por que não usava o escudo de armas imperial? Um brilho de ouro ao longo da luva direita do traje prendeu sua atenção e ele se abaixou pra ver melhor. Algo estava escrito acima da longitude da luva de segurança em uma língua que ele suspeitava era latim, como nos rolos de papel do século dezanove, os aristocratas eram aficionados nas línguas antigas. —Nave, traduz a frase da luva.

—Já não resistirei desonra.

Interessante. – É o lema da Casa Lorenzo?

—Não.

Rance se endireitou de sua postura e deu a volta pra se sentar no beliche. Se a imperatriz desaprovasse sua falta de respeito com sua cabine ele se inteiraria muito rápido.

Enquanto isso ele tinha a intenção de aproveitar bem a oportunidade.

—Nave, desdobre os arquivos dos meios de comunicação mais recentes concernentes a imperatriz Zarifa Lorenzo. —Os meios de comunicação do império reportavam cada movimento dela com um interesse obsessivo.



Dois jornalistas apareceram no globo, vestidos em veludo e cordão de cores cintilantes.

—Alguma palavra de nossa imperatriz festeira, Corvin? — A mulher do casal inquiria brilhantemente. Seus olhos estavam rodeados de um padrão intrincado de azul brilhante numa maquiagem que brilhava tenuemente contra sua pele pálida.

—Segundo o palácio, ela está em reclusão profunda preparando-se para seu casamento com o filho do regente, Gerik Natalo. — Corvin, um homem corpulento em franjas verde e amarelo, gesticulava com dedos nodosos. Uma imagem apareceu: Zarifa, parada junto a um homem gigantesco que usava seu longo cabelo loiro amarrado para trás em um garrote. Apesar de sua constituição maciça, energética, sua escolta se vestia como um janota, com seda púrpura escura com laços negros espalhados ao redor de seus amplos punhos da camisa.

Havia crueldade nas linhas afiladas de seu rosto e seus olhos pareciam muito pequenos, apesar de delineados, o que aparentemente tratava de realçá-los.

—É um lindo par, não é verdade?— A mulher disse com um brilhante sorriso.

—Não realmente. — Rance resmungou. A expressão de Zarifa era lacônica, quase como o rosto de uma boneca comparada a sua inteligência e animação normal e seu sorriso era tenso. Ela poderia estar noiva de Natalo, mas ela não parecia gostar dele.

—Talvez Lorde Natalo possa conseguir que seu comportamento escandaloso fique sob controle, — Corvin inalou pelo nariz.

Mas outra imagem brilhou intermitentemente na tela: Zarifa rindo histericamente, estupefata quando ela saltou na borda de uma fonte de mármore. A aspersão salpicando por cima dela, descendo por seu pescoço e ombros.

—Está fria!— Ela soltou gritos agudos, saltando pra cima e pra baixo da água enquanto esta molhava suas roupas finas.

Ricocheteando em círculos vertiginosos, ela agarrou a beirada de sua camisa de seda e sacudiu com força sobre sua cabeça antes de tirar com um grito de alegria... Seus seios nus e estremecidos, brancos e cheios sob as luzes da quadra da cidade.

—Bem, é o aniversário de vinte e cinco anos da imperatriz, — disse a repórter de jornal. — Conforme a vontade de seu pai ela oficialmente tomará as rédeas do poder esse ano no Dia de Nossa Senhora.

Corvin riu, — A Senhora nos ajude a todos. Boa coisa que ela se casará com Lorde Natalo neste mesmo dia. Ela não terá tempo pra fazer muito dano.

O globo voltou a ficar negro quando as palavras *terminou o arquivo* foram emitidas.

Rance franziu o cenho e se recostou na cama, cruzando seus pés nus pelo calcanhar.

—Arquivo seguinte.

A seguinte história apresentou Zarifa tomando sol nua em uma praia Throneworld, seu cabelo vermelho não cobria seu lindo traseiro. Os jornalistas fizeram todos os sons apropriados de um fofoca



escandalosa. O terceiro arquivo era uma entrevista que ela aparentemente havia transmitido enquanto estava drogada. Ela se mantinha rindo nervosamente e ela não parecia construir uma resposta coerente as perguntas dos jornalistas.

—Congele a imagem- Rance estalou.

Zarifa foi cortada em uma frase. Apesar do sorriso aberto em sua cara, havia algo diferente em seus olhos, algo que havia captado sua atenção.

Frustração e fúria desvalida.

Era como se ela odiasse o que saía de sua boca, mas ela não parecia poder impedir o que ela dizia.

Rance começou a andar, um polegar em seu lábio inferior, cravando os olhos na imagem da tela. Bêbada ou não ela não parecia nem de longe a mulher capaz, inteligente que havia enfrentado a Casus em sua defesa. Ele ainda não sabia que ela era a mesma pessoa.

Mas o que realmente lhe chateou foi o fato de que o império não tinha liberdade dos meios de comunicação. Se ela quisesse Zarifa deveria ter podido censurar essas emissões.

Deus sabia que Throneworld era o suficientemente rápido pra censurar qualquer outro informe dos meios de comunicação que fosse o mais remotamente negativo. Mas estas histórias foram permitidas, apesar do fato que apresentavam a imperatriz como uma prostituta bêbada.

Isto sugeria que alguém no governo queria que sua reputação fosse arruinada. E só havia um homem com este tipo de poder: o regente.

A razão pra isso era óbvia. Se o público acreditasse que sua imperatriz era uma idiota drogada, ninguém se queixaria quando o regente continuasse governando- ou quando seu filho se casasse com ela. O que havia dito a repórter? – *Boa coisa que ela se casará com Lorde Natalo no mesmo dia. Ela não teria tempo pra fazer muito dano.*

—E se ela morresse em um trágico acidente , bêbada, seis meses depois do casamento, ninguém faria muitas perguntas, - Rance disse em voz alta.

—Juntou tudo muito rápido. – Zarifa disse da porta. – Tenho assessores que não tiveram nem a ideia, mesmo depois de todos esses anos.

Aparentemente ela havia aproveitado as vantagens da nave da outra parte desta. Ela estava vestida em um uniforme de uma peça azul escuro, simples e austero comparado com a jaqueta caçadora que ela usava ao comprá-lo. Ainda assim o traje fazia seu corpo magro intensamente feminino.

Ele a observou assim que ela entrou e se sentou na cama ao lado dele.

—Estiveram te drogando, não é assim? Você não é do tipo de jogar em suas mãos se drogando por aí.

Ela bufou. —O regente não tinha que me drogar. Ele controlava meu nano sistema.



Nanos poderiam induzir embriaguês, alucinações, mesmo sem uso de drogas. Não era incomum pessoas se viciarem esbanjando-os.

Mas impor tal embriaguês em alguém parecia praticamente impossível. —Como ele hackeou seu sistema?Você é uma imperatriz, pelo amor de Deus.

Bem. Sua segurança deveria ser melhor que a de ninguém. —Elaborar antivírus e firewall era uma necessidade para todo mundo com nano sistema. De outra forma um assaltante poderia paralisá-lo ou poderia lhe assassinar tendo aos nanos atacando seu sistema nervoso central.

—Eu tinha quinze anos quando meus pais morreram e Umar se converteu em meu guardião. — Zarifa ficou com o olhar fixo em cima da tela com sua imagem congelada, rosto enfurecido com os olhos ensimesmados. — Ele tinha hackeado e reprogramado meu sistema assim não tive a oportunidade de me defender. Fui um boneco em suas mãos desde então.

—Ele fez isso a uma criança? — Rance cravou os olhos nela, consternado. —Por que seu pai faria um homem como esse seu regente?

Sua risada foi breve e amarga. — Lodur teve seus segredos duvidosos. Umar fez uma profissão de mantê-los com ele.

—Ele chantageava ao imperador? Com o quê? E por que Lodur não o assassinou?

Ela se pôs desassossegadamente de pé, coçando a parte de trás de seu pescoço com ambas as mãos.

—Meu pai não foi um homem mau, Rance. Ele só não era muito bom.

—Você vai se conformar com isso?

Zarifa bufou enquanto começava a dar passos. —Nem em sonhos.

Significava que não importa que segredos Umar tinha usado pra chantagear ao velho imperador ainda tinha poder sobre ela. E ainda assim ela havia feito tudo isto. Escapar de Umar e seu filho, comprado a esta nave a Rance. — Umar não te controla agora ou não estaria aqui. Como se livrou?- Ele se lembrou do comentário que ela havia feito sobre desconectar as câmeras de Casus : *Tenho um nano sistema bastante bom.*

—Você melhorou seus nanos. Um sistema de combate? Algo que não pudessem hackear.

Ela interrompeu sua caminhada com passos firmes e moderados pra lhe dispare uma olhada.

—Acertou.

—Onde se encaixa Kuarc em tudo isto?

—Ele vai ser o imperador.

Rance negou com a cabeça. —Os aristocratas nunca lhe deixarão tomar o trono e você sabe disso. É um bastardo.

—Mas ele é um bastardo com um exército. —Ela sorriu desagradavelmente. —E vou ajudá-lo.

Incapaz de permanecer sentado, Rance se pôs de pé. — Zarifa, conheço a Kuarc. Ele é meu amigo. Ele acredita que você estava envolvida na morte de seu pai e ele jurou matá-la por isso.



Ela deixou de andar pra cravar os olhos nele. – Ele honestamente acredita naquela ridícula história de conspiração? Por Nossa Senhora, eu tinha quinze anos!!

Ele apoiou um ombro contra a parede mais próxima. —Você não seria a primeira assassina menor de idade.

—Não, suponho que não. —Zarifa retorceu o diamante em seu dedo, com desassossego. Dando voltas de cá pra lá , então suspirando deixou cair sobre sua mão. —Vou pegar qualquer oportunidade, de todas as maneiras. Além do mais, ele marcou uma reunião com um dos seus assessores. Penso que ele poderá convencer Kuarc a me ver.

Rance se endireitou na cabeceira da cama e a olhou de cenho franzido. – Essa pode ser uma má ideia. Há um traidor na organização de Kuarc. Foi assim que terminei com o maldito colar no pescoço.

Ela assentiu com a cabeça. —Dalon Izac, um dos tenentes chefes de Kuarc. Umar o elevou no último ano.

Rance se pôs em alerta. —Dalon Izac- esse é o nome do filho da puta?

Ela levantou uma sobrancelha vermelha. – Você não sabia?

—Ele não se apresentou. Me encontrei com o maldito em um bar da Estação Market para arrumar a entrega de um embarque de armas. No minuto em que o cheirei, supus que era um espião mentiroso. Ele tinha esse fedor.

Zarifa levantou a cabeça interessada. – Você pode distinguir a mentira de alguém pelo cheiro?

Ele assentiu com a cabeça. —Os sentidos de lobisomem. De qualquer maneira ele se deu conta e que estava em cima dele . Deve ter visto isso em meu rosto .

Comecei a mudar de posição, mas ele me disparou com uma arma com dardos antes que eu pudesse pegar a minha. A coisa seguinte que me lembro foi de Casus colocando um colar em meu pescoço.

Maravilhoso. – Por que ele não acabou de te matar?

Rance mostrou seus dentes. —Mau julgamento.

Ela riu. —Oh, estou certa que você o fará lamentar esse dia.

—Farei isso, acredite em mim. —Rance franziu o cenho e ficou de lado para recostar a cadeira na escrivaninha.

—Enquanto isso, preciso chegar a Kuarc e advertí-lo sobre esse bastardo. Quem sabe quanto mal já fez Izac?

—Bastante. Segundo ouvi sem querer, ele esteve dando informação a Umar por meses. —Ela lhe deu um sorriso reconfortante. – Mas não se preocupe muito. Já consegui falar sobre ele com Kuarc. Acabo de falar com Edin, o primo de meu pai, quem é também o assessor do chefe de Kuarc. Ele é um cético mas marcou uma reunião em uma das bases de Thronesystem de Kuarc. Se puder convencê-lo de que sou sincera ele marcará uma reunião.

Rance fez uma careta. —Assumindo que ele não decidiu matá-la primeiro.



Capítulo Sete

Zarifa saiu pra revisar os motores da nave, deixando Rance pra se vestir. Ele pediu a nave que fabricasse um uniforme azul escuro de seu tamanho e esperou até que a unidade produzisse o traje e um par de botas de couro.

Finalmente, vestido com roupa normal pela primeira vez em meses , ele foi buscar Zarifa.

A Esperança do Império foi desenhada com seu agarre do carregamento e a cobertura de passageiros formando uma forma grossa em formato de ovo que estava suspensa embaixo do largo cilindro alojando os motores super-C.

Os domínios exóticos que os motores geraram não seguiram adiante bem com a gravidade artificial da nave , assim eles tiveram que ser separados.

Rance chutou através da escotilha circular na sala de máquinas para ver Zarifa flutuando a meio caminho acima da vasta torre metálica central na semi escuridão. Seu cabelo muito vermelho ondulava ao redor de sua cabeça como um halo enquanto ela observava o estalido melancólico violento dos campos super – CL a C dentro do tubo do vaso de neutronium. A luz pintou os delicados contornos de seu rosto com um resplendor imaterial.

Com a cautela automática de um capitão, Rance estudou o tubo enquanto ele passeava pela escotilha e navegava até a parte central. Os padrões de energia pareciam normais , - nenhum brilho escarlate que pudesse indicar falha do campo. – Os motores estão bem?

—Bem. — ela olhou ao redor. —Eu só os estou controlando. Todo esse poder destrutivo, toda essa energia...

Rance apanhou um dos cabos que se destacavam do tubo e rolou seu corpo sem gravidade até se deter. —Sei o que você quer dizer. —Se segurando em um cabo, ele a olhava com uma quente luz azul e verde dançando dentro do tubo. —É lindo-ainda que nos fizesse desaparecer mais rápido que o punho de Deus.

O silêncio caiu entre eles se encheu pelo zumbido baixo, profundo dos geradores.

Rance começou a observá-la olhando os campos. Ainda que estivesse a direita junto dela, parecia haver uma profunda solidão em volta dela.

Nenhuma surpresa, ele pensou. Ela havia sido traída por todo mundo ao que ela supostamente deveria confiar.

Mesmo ele. Ele havia feito amor com ela- e prontamente se voltou contra ela no momento em que se deu conta de quem realmente era. O pensamento enviou uma punhalada mordaz de culpa nele.



—Estou pensando sobre meu tio. —Seu polegar retorceu a banda do diamante dando voltas e voltas em seu dedo .

—O mesmo que se supõe que vamos conhecer?

—Não, não o primo de meu pai, - meu pai era gêmeo.

Uma lembrança sombria de algum tipo de história se criou em sua cabeça. —Sevan dos cem dias.

Zarifa assentiu com a cabeça. —Ele era simplesmente cinco minutos mais velho que Lodur. Criado pra ser o imperador, só pra terminar assassinado por terroristas cem dias depois de assumir o trono.

O que resultou que seu pai foi o imperador adequado em vez dele. Lodur havia sido perseguido pelos rumores de que ele havia assassinado a seu irmão durante os dezesseis anos de seu reinado, o mesmo que muitos agora sussurravam que sua filha estava envolvida no seu assassinato.

Rance via a ironia do que Zarifa havia dito. *Antes que ele chegasse a ser imperador, Sevan se apaixonou por um plebeu.*

Ele a olhou com surpresa, entendendo as implicações. —Posso supor como caiu bem isso aos aristocratas.

Ela bufou, um som pouco elegante. — O avô o teria deserdado no ato se soubesse. Para dizer a verdade, penso que isso era exatamente o que Sevan tinha em mente. Ele nunca quis ser imperador.

—Não posso imaginar porquê. —disse Rance secamente. —Quem não gostaria de viver com um alvo pintado nas costas?

—Exatamente. Mas então o avô morreu e ali estava ele. Imperador. Ele poderia ter os dois, a coroa e a mulher que ele amava. E cem dias mais tarde ele estava morto. Assassinado por um atirador colocado no caminho para se reunir com ela.

Rance estudou sua expressão pensativa na luz dançante. —Você acha que seu pai teve algo a ver com isso?

—Não, ele não se arrastaria tão baixo.

O que antecipou a pergunta. — Então com que humildade ele se encurvaria ?

Zarifa devolveu de pronto ao lhe dar um sorriso premente. — Isso, meu querido shifter, é um pequeno conhecimento que os mataria.

—Além do mais, você não confia em mim.

—Oh, confio em você, - disse ligeiramente. —Lhe dei a oportunidade de arrancar minha garganta hoje e não o fez.

Rance se surpreendeu o quanto estava ofendido. —Isso é o menor mal pra você? Dá a alguém a oportunidade de te matar e não o fazem?

Zarifa se dobrou para o centro outra vez. —Depende do dia.

Puro instinto o teve a pegando e puxando entre seus braços. Ela o olhou com surpresa.



—Isso não deveria ser o bastante bom pra você , Zarifa. — Seus olhos violetas se viram escuros e misteriosos assim que ele baixou sua boca pra dela. — É certo como o inferno que isso não é o bastante bom pra mim.

Ela pareceu resistir ao beijo por um momento, então quando ele começou a se afastar , ela gemeu. Seu corpo relaxou no seu, seus braços deslizando-se ao redor de seus ombros. Tremor.

Não. Confiança. Apesar de seu cinismo tê-lo deixado endurecido, apesar das traições que ela havia sofrido, por alguma razão ela confiava nele.

E meu Deus, ele estava sedento dessa confiança como se enchesse uma necessidade elementar. Sem importar que algumas horas antes , ele havia estado disposto a machucá-la pra escapar.

Em algum canto escuro de sua consciência, ele se perguntou o que acontecia com ele.

O que ela estava fazendo com ele?

Ao resto dele não lhe importou.

Cinco segundos de seu beijo, Zarifa se deu conta de que alguma coisa havia mudado. Rance havia feito amor da primeira vez com a habilidade fácil de um sedutor, mas agora era diferente. Ela podia sentir nele um pequeno tremor imperceptível, como ele a ancorasse contra ele com uma terna força.

Ele a beijou suavemente , interminavelmente, então mordiscou um caminho pra baixo de seu queixo até a parte inferior de sua mandíbula. Ela deixou sua cabeça cair para trás enquanto ele a saboreava com pequenos beliscões sedutores.

—Tire sua roupa. —ele sussurrou contra sua pele. Ele estava com as duas mãos ocupadas : uma ao redor de sua cintura e outra segurando no cabo para mantê-los sem gravidade.

Zarifa obedientemente envolveu ambas as pernas em sua cintura e se reclinou pra encontrar o selo de seu uniforme. Seus olhos deram uma labareda quando ela o abriu... Ele acariciou com o nariz a beirada do traje e cerrou sua boca sobre um seio, enviando um chiado direto ao seu coração.

—Rance, - ela disse suspirando.

Ele retumbou em sua garganta, um ronronar mais tigre que lobo. Sua língua rodeando o broto rosado, dando golpezinhos e jogando. Seus dentes arranhavam com tal delicadeza que Zarifa tremeu.

Ela precisava tocá-lo. Tinha que tocá-lo. Alcançando entre eles enquanto ele continuava sua preguiçosa atenção aos seus peitos, ela encontrou o selo e o puxou para baixo. O selo deslizou obedientemente. Zarifa agarrou as beiradas do traje e o arrastou, mas ele a estava segurando e ela não podia baixar suas mãos. Ela grunhiu de frustração.

—Está bem, está bem. — Com um riso baixo, erótico, ele soltou sua ancoragem do cabo. Prontamente iniciaram uma descida sem gravidade. Ambas as pernas ao redor dele , Zarifa ignorou a sala de máquinas, em sua tentativa de tirá-lo do traje. Rance fez o trabalho ao mesmo tempo que ela e seu cotovelo golpeou o queixo ao tirar a manga do traje.



—Ai!

—Sinto muito!

Se contorcendo em pleno ar num enredo desesperado de roupas, de braços e pernas, eles só caíram mais rápido. Rance riu quando ele segurou sua cabeça pra mantê-la segura de golpear contra um lado do centro, então ela gritou ao raspar os dedos no vidro de neutronium.

—Você está bem?- Ela golpeou uma mão contra o vidro tentando retardá-los.

—Sim, exceto que isto não é – ai! – Seu ombro bateu na parede. Com um grunhido, ele deu um impulso com os pés. Os enviando flutuando pra longe do vidro.

—Esta não é uma das minhas seduçãoes mais amáveis.

—Faz seduçãoes amáveis? –Zarifa piscou com inocência simulada. —Pensei que era do tipo agarrar e morder.

Ele entrecerrou seus olhos simulando afronta. – Te mostrarei como é saltar em ataque!

Seu riso nervoso de converteu em uivo agudo quando ele cruelmente sacudiu com força seu traje de seus quadris e de suas pernas completamente, então os enviou suave e rapidamente através da câmara. Antes que ele pudesse agarrá-la, ela se soltou do agarre de suas pernas , chutando contra o biombo e se disparando para o lado oposto da câmara.

Nua, porém risonha, ela se estabilizou com um cabo e o observou enquanto ele atacava cruelmente suas roupas. O músculo duro ondeou enquanto ele se inclinava para tirar o traje coxas abaixo.

—Eu já falei que amo seu traseiro?

O traje foi voando enquanto ele lhe dava um olhar brilhante, apoiou seus pés nus no biombo e se dirigiu pra ela... Zarifa soltou gritinhos agudos e fez um ataque inicial, mas Rance tinha mais prática em gravidade zero e ele apanhou seu tornozelo antes que ela pudesse escapar.

—Venha aqui - Ele a meteu em seus braços.

Zarifa fingiu golpeá-lo repentinamente. —Cachorro mau!

—Estou a ponto de te mostrar exatamente o quanto. – Uma mão grande encontrou seu peito enquanto a outra se deslizava entre suas coxas. Seu riso se converteu em um estertor quando um dedo longo se deslizou profundamente.

—Não sou o único que é mau. – Seu sorriso aberto se voltou em satisfação. – Sua Alteza Imperial está molhada.

Zarifa levou seus dedos pra baixo e os fechou ao redor da longitude grossa de seu pênis.

—E esse é um osso muito bonito que você tem aí, cachorrinho.

Seus olhos de ouro se estreitaram com a ofensa. – Siga e darei palmadas em seu real traseiro.

Então ela o acariciou, e seus olhos ficaram arregalados e um pouco aturdidos.



Decidindo tentar algo que ela havia visto em um de seus filmes proibidos, Zarifa apanhou seus quadris e devorou seu corpo abaixo. A cabeça rosada de sua ereção oscilou de cima abaixo, dando uma balançada com uma só gota de sua excitação. Agarrando-se a ele, ela lambeu a pequena gotinha.

Seu estertor foi tão gratificante, ela abriu sua boca e meteu a cabeça.

—Zarifa!

Ela ignorou seu grito estrangulado muito mais interessada na textura de veludo de seu pênis e as veias longas, grossas, serpenteando acima de sua longitude.

Rance deve ter sido um veterano do sexo em gravidade zero, pois ele resistiu ao desejo de se retorcer quando ela o lambeu e chupou. Em vez disso ele agarrou os cabos de um lado do centro e manteve seu corpo rígido. Zarifa pôs seus olhos nele, curiosa. Seus olhos estavam cerrados, seus lábios separados no prazer.

O sentido de poder foi imediato – e irresistível. Ela o lambeu lentamente, amando a maneira em que ele tremeu contra ela. Ela lhe deu suaves, pequenas mordidas testando e ele se sacudiu com força.

—Você vive perigosamente, Zarifa. — O grunhido foi baixo, ameaçador – e deliciosamente excitante. Ela levantou o olhar pra se dar conta de que seus olhos dourados se estreitaram em selvagens fendas enquanto ele olhava fixamente pra baixo, pra ela.

Atrevimento, ela tomou suas bolas e suavemente as acariciou com os seus dedos. Ele a premiou com um gemido que fez seus músculos internos se apertarem em necessidade. Meu Deus, ela o queria. E ela iria tê-lo.

Agarrando sua cintura com uma mão, ela se colocou em posição correta e envolveu suas pernas ao redor de suas coxas. —Oh, bravo... —ele ronronou mexendo os quadris.

—Assim, querida.

Zarifa apontou seu pênis com sua mão livre e fricou as pernas mais apertado, se empalando lentamente. Ele estava impossivelmente duro, impossivelmente interminável, enquanto ele se deslizava pra dentro um doce centímetro de cada vez.

Ela ficou sem fôlego. —Rance!

—Sim. —Sua cabeça foi para trás, deixando a descoberto o arco largo e musculoso de sua garganta.

—Outra vez.

Lambendo seus lábios secos, ela reforçou ambas as mãos em seu peito e o afastou com a mão longe o bastante, então ela se apertou de novo em cima dele. —Isto é duro!- ela ofegou.

Ele deu um sorriso aberto, branco e malvado. —Olha quem fala.

O sexo em gravidade zero levava muito esforço. Se tentassem ir muito rápido, ricocheteariam, assim tinham que ir devagar. E esta era a coisa mais excitante que ela alguma vez havia experimentado em sua vida.



Eles se moviam com urgência um contra o outro, os quadris dando voltas, amassando. Enlouquecendo um ao outro com cada empurrão travesso. O prazer se reuniu e pulsou enquanto ela olhava seu rosto, amando o brilho selvagem em seus olhos, os músculos finos tão agarrados com o esforço, os dentes ferozmente apertados. Até que ele arqueou contra ela com um grito, arrastando-a no fogo.

Ela gritou enquanto gozava.

Zarifa se virou entre seus braços, escutando o bater selvagem de seu coração. Ele soltou seu aperto dos cabos, e flutuaram juntos preguiçosamente. Ela se sentiu em paz pela primeira vez em...

Bem, na verdade ela não podia se lembrar a última vez em que ela se sentiu assim tranquila. Provavelmente foi quando seus pais ainda eram vivos.

Com um murmúrio de satisfação, ela se agarrou em suas costas largas e de pelos encaicolados. Eles levariam outras três semanas pra chegar a Thronesystem e ao encontro do assessor de Kuarc, Edin.

Três semanas. Rance era seu pelas três semanas seguintes. Depois disso.. bem, depois veria.

Que se terminaria.

Afastou com força o pensamento, ela cerrou seus olhos e apertou seu agarre em seu corpo suado.

E gozou do calor e do sentido de paz que ela supôs seria excessivamente breve.

Capítulo Oito

Zarifa se recostou na cadeira do piloto com um suspiro. Sua cabeça doía com súbita intensidade que provinha das horas de esforço. Ela olhou ao redor para encontrar Rance observando-a com preocupação.

—Estamos dentro?

—Estamos dentro.

Ao redor deles, o desdobramento de controle tridimensional mostrou os asteroides que rodeavam a Esperança do Império. Alguns não eram maiores que grãos de areia, outros do tamanho de um contêiner, mas todos talhados como chão de estrelas e todos se volteavam em frequentes colisões. Era provavelmente o lugar mais perigoso pra uma nave em Thronesystem, com a exceção possível do coração do sol local.

—Eu não gosto disso. —Rance estudou o desdobramento com um cenho franzido escuro.

—Não estou exatamente emocionada.



Havia sido um voo exasperante. Primeiro tinham vindo a Thronesystem debaixo de uma blindagem pesada para evitar serem detectados pelas forças de segurança do império. Depois ela havia passado horas manobrando no cinturão de asteroides que estava na beira do sistema, tudo o que havia restado da colisão de planetas faz uns dois bilhões de anos atrás. Ela então teve que encontrar ao pedaço correto enorme de pedra, acertar com seu giro, posicionar sua escondida eclusa flutuante e realizar a pesada manobra de atracar.

Era um asteroide largo em quilômetros que não era asteroide, mas sim uma base escondida da rebelião. Zarifa não tinha nem ideia de quantas bases Kuarc tinha ou onde estavam localizadas, mas ela imaginou que todas elas seriam tão difíceis de chegar como esta. De outro modo, Umar ou seus marinheiros imperiais os teriam encontrado faz tempo.

A Senhora sabia que eles os tinham buscado.

Agora que a Esperança estava atracada, ela silenciosamente ordenou a nave para arrumar uma comunicação de curto alcance. – Esperança para Centurião.

A resposta foi instantânea, ele devia ter estado parado sobre o computador.

—Vejo que encontrou o lugar. —Edin soava tanto com seu pai que doeu.

—Por um triz. Vocês não gostam de visitas, não é verdade?

—Depende da visita. Estou querendo vê-la. Já faz muito tempo.

Ela sorriu. —Muito tempo. Onde você quer me encontrar?

—Desça o corredor principal do armazém. Falaremos ali. Centurião fora.

Zarifa cortou a conexão e encheu o peito de ar, tentando ignorar o pequeno tremor desafortunado de seu estômago. Ela havia estado batalhando por este momento por semanas, mas agora que havia chegado, ela quase desejou poder adiá-lo. Tanta coisa poderia sair errado...

Ela deu a volta para encontrar Rance a observando, seu olhar fixo excessivamente receptivo.

—Zarifa, fique na nave. Deixe-me encontrar com Edin. Eu lhe darei sua mensagem qualquer que seja. Não precisa...

—Agradeço a oferta mas ambos sabemos que não posso colocar nas suas costas. —Ela mexeu suas pernas pra fora da poltrona do piloto e o alcançou pra acariciar seu queixo. Eles haviam passado as três semanas falando e fazendo amor e ela suspeitou que agora o conhecia melhor do que alguma vez havia conhecido a alguém em sua vida. Ser protetor lhe saía automaticamente como respirar.

—Isto é algo que tenho que fazer por mim mesma. É uma questão de honra.

A frustração deu uma labareda em seus olhos. — Olhe, isto é uma armadilha. Você sabe, eu sei.

—E pensa seriamente que vou te enviar sozinha lá dentro? Posso me converter em um lobisomem de dois metros de altura. Sou muitíssimo mais difícil de matar que você.

—E eu sou a imperatriz. Conheço meu dever, Rance. Se Edin me fizer cair em uma armadilha Kuarc estará perto em algum lugar. Eu direi o que preciso dizer e ele desistirá.

—O que diabos a faz pensar isso?



Se mantendo firme em seu temperamento com esforço, ela apertou.

—Porque ele não terá mais nenhuma razão para me assassinar.

—Você acha que ele precisa de uma?

Frustrada com o argumento, ela parou e levou as mãos aos quadris.

—Vem comigo ou não?

—Pois bem, me assegurarei como o inferno de não te deixar sozinha. — Grunhindo , ele se levantou e se dirigiu para a eclusa.

A porta da eclusa da base se abriu para um corredor debilmente iluminado que parecia ter sido cortado através da pedra de um asteroide com um laser. Zarifa começou a dar um passo pela porta, mas Rance a agarrou pelo seu pulso blindado. Ela se deteve e o olhou, seu olhar fixo violeta duvidando. Ele havia mudado pra forma de lobisomem, assim ela parecia mais delicada que o normal.

—Me permita verificar primeiro - ele lhe disse.

Ela franziu o cenho, olhando ao longo do corredor. —Meus sensores do nano sistema não recolheram nada.

—Nem os meus, exceto que meus sentidos de lobisomem não são tão fáceis de enganar. —Ele inalou profundamente, cheirando. —Um varão humano padrão veio aqui faz algumas horas. Sozinho.

—Edin. Tratando de nossa reunião a sós, assim como disse que faria.

—O que não quer dizer que uma equipe de emboscada não tenha entrado de outra eclusa.

Rance rondou através da abertura, cada sentido dele em alerta. As botas de Zarifa soavam na pedra do corredor enquanto ela o seguia. Como ele, ela estava usando a armadura completa, uma espada estupenda com fio nano embainhada através de suas costas.

No final do corredor havia duas enormes contraportas que provavelmente levavam ao armazém do qual Edin lhes havia falado. Com um escanear cauteloso, Rance sacou sua espada, abrindo as portas e entrando.

O local era cavernoso, cheio de um montão de caixas de madeira que se empilhavam a grande altura. Rance divisou a esse aborrecido logotipo de Conlan Shipping. Ele provavelmente havia trazido isto anos atrás.

Um homem deu um passo de trás de umas pilhas. Alto e magro, que usava um sombrio uniforme escuro graças aos homens de Kuarc. Seu cabelo era grosso e vermelho, seus olhos eram violetas, distintivo do clã Lorenzo. Rance notou uma aparência forte com Kuarc na forma aquilina de seu nariz e na linha fina de sua boca, mas ele era mais parecido com Lodur, o velho imperador. Ele deu a Zarifa um leve sorriso.

—Saudações, menina.

—Edin! - Zarifa começou a ir a frente, um sorriso aberto de felicidade pura iluminando seu rosto.



Rance segurou uma mão sobre seu pulso , não afastando a vista do homem mais velho. —Não mais perto, Zarifa.

Ela lhe deu um olhar, alarmada. —O que foi?

—Ele cheira a sujo. E não acho que é o caso de lhe fazer cair numa armadilha para uma emboscada pelos homens do Bastardo.

Um sorriso amargo retorceu a boca de Edin. O aço vaiou assim que ele sacou sua espada de suas costas. —Lobisomem filho da puta. Kuarc sempre disse que podia cheirar uma mentira.

Repentinamente muitas coisas se esclareceram. Rance fez girar sua espada em um círculo e esperava em posição, um grunhido saiu do focinho do lobisomem.

—Eu sempre me perguntei porque nunca conheci ao segundo a bordo de Kuarc.

Zarifa lhe disparou um olhar assim como ela dirigia sua própria arma e esperava em guarda.

—Um momento - ele trabalha para Umar?

Uma das caixas de madeira deslizou e abriu com um vaio de ar. Um guerreiro em uma armadura imperial saiu dali. —Edin nunca trabalhou pra ninguém senão para si mesmo.

—Gerik! - Zarifa retrocedeu , o cheiro acre de seu medo chegou aos sentidos de lobo de Rance. Não era uma surpresa, ela lhe havia contado como o bastardo a havia aterrorizado por anos.

Com um uivo de pura fúria, Rance se balançou para cima de sua espada e foi a carga.

Os dois homens blindados colidiram com o choque ensurdecedor de aço ao encontro de metais.

Zarifa ouviu o grunhido de lobo de Rance e os furiosos insultos de Gerik. A maciça lâmina do Punho nublava em um arco brilhante, e ela prendeu o fôlego. Rance encontrou essa com um estalo ressonante, então girou sobre um eixo em seu ataque feroz.

Ela se precaveu o quanto Gerik era poderoso, poderia ter encontrado um adversário a altura.

Um borrão de movimento no canto de seu olho a sacudiu de seu próprio perigo. Ela se voltou e levantou sua espada para um golpe que fez chiar seus dentes.

O rosto muito familiar de Edin se burlou através de suas armas cruzadas...

—Você sabe, não é? Meu primo filho da puta terá umas palavras com você no além.

—Exceto pela parte sobre você ser um traidor. —Ela desembaraçou sua espada da dele e levantou sua arma em uma cutilada furiosa que o obrigou a esquivar de volta.

—Então qual é o sujo papel que joga em nossa triste história familiar?

Ele riu em sua cara e tentou cortar sua cabeça. Zarifa esquivou o golpe e desviou depois de golpear enquanto a perseguia. Encontrando seu ritmo afinal, ela se vingou com uma combinação de golpes que o fizeram retroceder. Se atrevendo a dar uma olhada sobre seus ombros em Rance e Gerik, ela os encontrou dando golpes cortantes um no outro como loucos , com grunhidos e insultos no esforço de um desdobramento desumano de velocidade. Em sua forma de lobisomem Rance era mais alto que o ciborg, mas ela sabia que a perversidade de Gerik era um adversário para o tamanho maior de seu adversário.



Além deles, nas sombras de uma pilha de caixas de madeira, Zarifa achou que viu uma piscada de movimento. Por somente um instante um rosto mudado devolveu o olhar para ela.

—Casus? Que diabos estava... .

A espada de Edin veio formando redemoinhos em seu rosto. Ela se agachou e se esqueceu do mercador escravista enquanto se enfocava em permanecer viva.

O noivo de Zarifa poderia ser um aristocrata, mas era também um ciborg gigantesco, poderoso que era rápido e forte como um dragão centauriano, e afinal, um osso duro de roer.

—Não é mal para um escravo mestiço. — Gerik disse com desprezo enquanto os homens caminhavam em um círculo , cada um buscando a fraqueza nas defesas do outro. —Mas é um homem morto.

—Você primeiro. —Rance disse com desprezo enquanto usava seu nano sistema para escanear. Além de Gerik, Edin, Zarifa e ele , haviam outras três pessoas no local, o que lhe fez se perguntar porque estavam só vigiando na espera.

Mas porque somente três? Por que não um exército?

A menos que alguém minimizasse o número de testemunhas do assassinato da imperatriz.

Nada bom, nada bom de tudo.

Ele esquivou outro ataque nervoso e girou ao redor de Gerik com coragem antes de lançar um movimento letal no peito do ciborg. O desvio de Gerik se atrasou uma fração. A lâmina de nano-nanoblade de Rance partiu a couraça negra imperial, então soltou uma chuva de gotas escarlates.

Ele sorriu abertamente no doce cheiro de cobre do sangue. —Aposto que doeu.

Gerik proferiu uma palavra obscena que teve a Rance rindo enquanto se aproximava com outro movimento. Ele levantou sua espada...

A dor veio do nada em resplendor, dando-lhe explosões de náuseas que deixaram as pernas de Rance apagadas debaixo dele. Ele caiu duramente, disparando um olhar aterrador a suas pernas que pareciam ter sido cortadas a talhos no joelho. Estavam inteiras. Nenhum sinal de sangue, nenhuma navalhada molhada em sua armadura. Exceto, doce Deus, a dor.

Ele se lançou em um rolo para evitar o selvagem golpe pra baixo de Gerik em sua cabeça.

A espada golpeou a coberta com um chiado anódino.

A agonia fresca detonou no centro de seu peito, congelando seus pulmões, rasgando um estertor constrangido de seus lábios.

Um pé grande o golpeou abaixo no centro de sua couraça, imobilizando-o no chão. A espada de Gerik pressionada contra o lado de sua garganta antes dele poder golpeá-lo do lado.

—Renda-se Zarifa! — o ciborg bramou. —Ou cortarei totalmente a cabeça de seu cão mestiço!

Rance jazeu se contorcendo no chão embaixo da bota blindada de Gerik, a dor retorcia seu focinho numa careta de desgosto.



Zarifa buscou freneticamente sangue em sua armadura mas não viu nada. Não obstante a armadura era negra e vermelha...

—Jogue a espada ou ele morre. —Edin enredou empurrando sua espada nela.

—Não se atreva! - Rance gritou, sua voz rouca. — Não deixe a estes bastardos ganharem.

Bloqueie sua dor, ela ordenou a seus nanos. Levantem-no!

Incapaz de acessar. Nós fomos tirados de seu sistema.

Uma horrível compreensão a inundou. Oh, doce Senhora-eles haviam retomado o controle de seu colar.

Casus saiu das sombras pavoneando, um de seus guarda-costas ciborg em seus calcanhares. — Eu te disse que o sistema de escravo do Capitão Aaren não pode ser hackeado. —ele disse ao homem grande ao lado dele.

—Você o fez. —disse Umar. Ele deu a Zarifa um sorriso aterrador, parecendo enorme na armadura de nanotium ouro e negro da Casa Imperial. Um grupo de guardas na mesma armadura o seguiam. —Assumindo que você quer conservar a seu peludo amigo vivo, não é hora de se render?

Capítulo Nove

As presas apertadas de Rance surgiram debaixo da bota que o mantinha preso, tentando com tudo que tinha tirar Gerik de cima dele. Ainda que ele fosse mais forte que o ciborg em sua forma de lobo, qualquer coisa que lhe tivesse feito havia reduzido drasticamente sua força. Ele mal podia levantar sua cabeça, muito menos levantar esse monstro ancorado pra longe dele.

—Você não vai a nenhum lugar, cachorrinho. — A lâmina de Gerik cavou mais fundo na garganta de Rance enquanto levantava a voz. — Exceto para o inferno, se Zarifa não deixar cair essa espada.

O aço estrelou no chão. —Não o machuque.

Rance tentou se livrar outra vez. Fracassou. — Vão me matar de qualquer jeito, maldição.

—Não, eles não vão. —Sua voz soou surpreendentemente clara, surpreendentemente calma.

—Não se esperam que me case com Gerik.

Seu desespero se voltou em terror. — Zarifa!

Ela deu suas costas a Edin e caminhou a passos largos para o regente, se pregou a arrogância de sua família como um manto. — Você não me controla mais, Umar. Se você espera que eu coopere vai ter que me dar o que eu quero.

Umar levantou uma sobrancelha fuliginosa. — E o que seria isso?

—Remova o colar de Rance e deixe-o ir.



Rance segurou a bota de Gerik mas seus dedos não tiveram força. —A matarão depois do casamento!

Gerik sorriu aberta e maliciosamente e disse em voz baixa, sugestiva. —Oh, não tão cedo. Seria uma pena.

Rance fixou o olhar em cima do homem enquanto uma maré de ódio cru rodou por cima dele. — Vou rasgar sua garganta.

O filho do regente riu.

Enquanto Rance se preocupava até a morte em sua frustração, Umar começou a murmurar algo a seus guardas, que deram a volta e foram, provavelmente ficar à porta. Ele não deveria querer nenhuma testemunha para esta conversa, Rance pensou desagradavelmente. O que era muito mau sinal.

—Assim que soltarmos seu lobisomem- o regente disse após estarem sozinhos, - você se casará com meu filho?

—Sim. — Zarifa falou sem nenhuma vacilação. —Mas somente depois que Rance enviar um sinal de Freeworlds de que chegou em casa sem nenhum dano.

—Você fez um bom negócio, meu amor. Claro que sim.

Ele deve pensar que ela era uma idiota. Rance apertou seus dentes em fúria enquanto olhava encolericamente a Gerik. Um pensamento novo o golpeou e ele foi entretanto. Óbvio que o fez. Ele controlou cada manobra dela por anos. Ele não tinha ideia do que ela era capaz.

Mas Rance sim. Zarifa era inteligente, decidida e capaz. Ela sabia com quem ela negociava e ela sabia que romperiam qualquer acordo que fizessem. O que era ruim, ela não os deixaria evadir de sua responsabilidade.

O que queria dizer que ela tinha algo em mente. Ele tinha que estar preparado para quando ela pusesse seu plano em ação. Rance deixou seu corpo afrouxar e sua cabeça cair ao chão. Fingindo submissão a estes bastardos, o que ia contra cada instinto que ele tinha, mas ele sabia que essa era sua mulher. Ela não lhe falharia. E ele não falharia a ela.

—Sim. Isso mesmo, cachorrinho. Se dê por vencido. —Gerik riu debochado pra ele. — Você não pode ganhar.

O sorriso de Umar era tão presumido, o ódio ameaçou estrangular a Zarifa. O fato que ele usara o escudo de armas do imperador salpicado através de sua couraça só agravava o insulto.

Ela desejou ver seu sangue voar, mas os anos de prática lhe permitiram manter a fúria a distância. Em vez disso, ela arregalou seus olhos numa expressão cândida, fervorosa que ela tinha aprendido a usar como máscara.

Umar não se deu conta disso, mas ele a havia convertido numa atriz tão boa...

—Você deixará a Rance levar minha nave e não vai interferir.



Através de sua viseira aberta ele lhe deu esse olhar benevolente que ele usava cada vez que planejava uma traição. —É óbvio.

—Isso não é tudo. — Ela começou a recitar de memória mais condições, fazendo-as enquanto se movia para a posição correta.

Casus esteve parado ao lado do regente, se deleitando visivelmente em seu papel de aliado de confiança.

O idiota. Ele era um homem morto. Umar não o deixaria de testemunha de um dos atos de maldade mais flagrantes, o porque de estar usando a Casus e Aaren, em vez de estar usando seus hackers mais valiosos. Conhecendo a Casus, ele provavelmente havia sido estúpido o suficiente para oferecer seus serviços voluntariamente para trair ao lobisomem.

O capitão Aaren estava atrás dele, sua expressão abstraída através de sua viseira.

Provavelmente tentando se assegurar de que Rance não se livrasse do controle e matasse a Gerik.

Perfeito. Ainda dizendo suas condições ela parou perto do mercador escravista e deu um golpezinho com seu punho direito. A adaga de nanoblade caiu em sua mão enquanto ela levantava seu punho esquerdo para o rosto de Casus.

Como ela esperava, Aaren automaticamente se adiantou para defendê-lo, movendo sua mão enorme, blindada para bloquear seu golpe.

Zarifa meteu sua adaga na parte inferior da mandíbula do guarda-costas, justamente entre o capacete e a garganta do guarda. Aaren se engasgou e morreu antes de cair no chão.

E com ele seu controle sobre o nano sistema de Rance.

Feito.

Rance rugiu em uma explosão gutural com um som mais de leão que de lobo.

As duas mãos de Rance seguraram forte em torno do tornozelo de Gerik antes que o ciborg tivesse tempo de reagir ao grito de advertência de Umar. Enquanto Aaren caía, Rance lançou seu oponente no ar como uma carta.

Gerik bateu no chão com um choque da armadura. Rance deu a volta e foi pra cima dele com um grunhido. Seu punho blindado bateu tão forte na máscara do ciborg que a viseira se rachou como um vaso. Ele o golpeou outra vez, então uma terceira vez, tentando conseguir matar ao atormentador de Zarifa. Seus lábios se levantaram mostrando seus dentes.

Gerik golpeou seu peito e começou a voar como um avental. Rance bateu no chão rolando e saltando sobre seus pés antes que o surpreendido ciborg tivesse tempo de se levantar. Quando ele retrocedeu para o inimigo, algo golpeou na ponta de sua bota. Rance se inclinou, recolheu a espada que ele havia deixado cair e começou a acossar ao homem que havia abusado e ameaçado a Zarifa.



Gerik bateu em seu visor, limpando os estorvos da viseira quebrada. Para satisfação de Rance o sangue fluía de incontáveis cortes em seu rosto. —Você está morto, mestiço. — ele assobiou, seus olhos arregalados e selvagens com ferocidade. — E então tomarei Zarifa antes de matá-la.

—Não. —Rance colocou sua grande espada em posição de luta. A cólera que o encheu era fria, uma coisa pura, tão enfocada como um laser. — Você vai morrer agora.

Umar ameaçou meter sua grande espada na barriga de Zarifa, mas ela dançou e começou a rodeá-lo... —Você é um idiota, pensando que pode me tomar. —ele se burlou. —Você não tem nem sequer uma espada!

Não, ela teve que deixá-la cair quando Gerik ameaçou a Rance. Mas ela tinha uma adaga — e mais importante ainda, seu nano sistema de combate imperial. Umar, a julgar pela arrogância em seu rosto, havia esquecido completamente disso.

Do canto do olho ela viu a Edin se afastando para um lado, observando a briga com interesse casual de um homem em um encontro de z-box. Casus, entretanto, parado sobre o corpo de Aaren escorreu suas mãos, visivelmente desejando correr.

—Cadela!- Umar veio com tudo pra cima dela, balançando sua espada em um arco furioso. Zarifa serenamente seguindo sua carga, apanhando a espada que veio descendo com sua adaga. Ela se torceu e tirou pra cima com toda sua força realçada de nano robôs. A espada voou da mão de Umar. Ele a agarrou freneticamente, mas ela o arrebatou voando pra longe dele.

Por um instante, seus olhos se encontraram. Os olhos do regente alargados em estado de choque e incredulidade. Ela deixando a descoberto seus dentes e fazendo girar a lâmina em um arco cruel. Ele tentou tropeçar.

O impacto sacudiu seu braço até o ombro.

O corpo de Umar tombou enquanto sua cabeça rodou com o capacete pelo chão, com uma confusão de ruídos.

O monstro estava finalmente morto.

—Pai!

Ela passou rapidamente enquanto o homem enorme deu voltas pra longe de Rance e se lançou em sua direção com sua espada levantada. —Está morta, pequena puta!

Zarifa teve tempo para um instante de medo gelado. Ela já havia aprendido que seu sistema de combate não era adversário para o poder do ciborg. Se preparando, ela levantou sua espada e se preparou para o golpe.

Gerik se deteve em seu caminho com um estranho som ofegante. Ele olhou para baixo.

Zarifa seguiu seu olhar fixo e viu três polegadas de lâmina se projetando do centro do seu peito.

Atrás dele Rance disse. —Eu te disse que era um homem morto. —Ele sacudiu com força e a espada ficou livre.



—Não, - Gerik respirou com dificuldade. —era de esperar que eu... —ele nunca terminou sua frase.

Seus olhos se cerraram enquanto caía. Seus nanos a advertiram. Zarifa passou rapidamente, sua espada girou golpeando a Casus em sua barriga antes que ele pudesse enterrar sua adaga em suas costas.

—Eu queria fazer isso. — Rance disse, observando ao mercador escravista perder o equilíbrio.

—Eu queria ter deixado. —Zarifa fez uma careta e engoliu bÍlis. Ela queria mesmo se sentar. Quantas vezes havia praticado esgrima com seu treinador, nunca havia matado um homem antes. Agora ela havia matado violentamente a três.

Rance tentou alcançá-la mas antes que ele pudesse levantar seus braços, as portas do armazém se deslizaram.

Oh, Doce Senhora, Zarifa pensou, seu coração fechando a garganta. Não mais deles...

Eles se voltaram para ver Kuarc Lorenzo entrar com um andar descansado à frente de um pequeno exército de homens blindados, dois deles arrastavam a um Edin seriamente machucado. Evidentemente ele deve ter tentado escapar quando se deu conta de como estava a briga.

Cada um dos rebeldes estavam cobertos de sangue e respirando pesadamente. Aparentemente se haviam topado com os guardas de Umar- e não tinham ido bem com os guardas .

Kuarc mostrou os dentes, algo que ela não confundiu com um sorriso, seus olhos avaliando o corpos espalhados pelo recinto. —Bem, irmã, você esteve ocupada...

O cansaço e a sacudida lhe preveniram de escolher suas palavras mais cuidadosamente. De qualquer maneira, ela estava cansada de dissimular. — Não sou sua irmã.

Kuarc riu, mas uma cólera perigosa deu uma labareda em seus olhos violeta.

Ele parecia com uma versão mais jovem de seu pai: grande, de ombros largos, com uma juba de cabelos vermelhos amarrados para trás em um rabo de cavalo. —Tenho provas de sangue que dizem o contrário.

—Foram gêmeos idênticos. —Ela puxou fortemente de sua luva e a deixou cair no chão. —Essa é a única razão pela que meu pai pôde reconhecê-lo publicamente como seu bastardo.

—Zarifa, - Rance assobiou, - que diabos você está fazendo?

—A garota bêbada de novo. —Edin repôs. — Foi isso, ela perdeu a razão.

—Cale-se, - Kuarc estalou. — Você está nisto até o pescoço. —Ele mostrou seus dentes a seu segundo a bordo. — Pensou realmente que não notaria o que estava fazendo? Você na realidade pensou que não te seguiria?- Ele voltou sua atenção a Zarifa e levantou sua espada. — Pelo que te diz respeito, eu recomendaria fortemente que comesse a falar sensatamente, se puder. Estou perdendo a paciência.

—É simples, Kuarc. Você não é um bastardo. —Ela pelejou por tirar o diamante grande fora de seu dedo. Este, é óbvio, nunca lhe caiu bem, desde que não era seu anel. —Você é o filho legítimo do



imperador Sevan Lorenzo, que se casou com sua mãe antes de sua morte. Este anel é seu - e a prova de seu casamento. —O diamante finalmente se deslizou livre e ela se ajoelhou se estendendo ante seu aniquilado primo.

—Você é o imperador constitucional, Kuarc. Você sempre o foi.

Quando ela escovou um polegar sobre o diamante, detonou o filme registrado na pedra presa. A imagem tridimensional brilhou intermitentemente, mostrando um jovem ruivo parado junto a uma loira magra que tinha uma expressão de alegria frívola. —*Deseja beijar sua noiva, Sevan?*— Uma voz falou ao fundo. —*Estou com humor pra me embriagar.*

Como a maioria dos anéis, o diamante tinha registrado todos os eventos significativos no casamento do par, desde a cerimônia de casamento até o nascimento de seu filho.

Kuarc estendeu sua mão, sua expressão aturdida. Ela fechou o anel em sua palma.

—Estavam casados em uma cerimônia secreta pouco antes do velho imperador morrer. Sua mãe estava grávida de você nesse momento. —Zarifa explicou suavemente. —Ela era uma plebeia e Sevan esperava apresentar a seu pai um fato consumado.

Mas o imperador morreu e Sevan teve que deixá-la pra entrar nas funções. Ele aparentemente havia planejado anunciar seu casamento uma vez que tivesse a nobreza sob seu controle. Ele estava voltando pra reclamá-la quando foi assassinado.

Kuarc piscou tanto como ela. —E seu pai sabia disto?

Ela balançou a cabeça concordando. —Ele havia plantado a Umar na corte de Sevan como um espião. Depois do assassinato, Umar convenceu a Lodur que ele poderia ser imperador. Tudo que tiveram que fazer foi encobrir o fato que você era filho legítimo de Sevan. Desde então Umar passou os seguintes quinze anos chantageando a meu pai.

—Lodur sempre disse que minha mãe era uma das criadas. Disse que o avô se livrou dela. —ele parecia aturdido. —O que realmente aconteceu com ela?

—Ela ainda está viva, -Zarifa disse a ele. —mas Umar programou seu nano sistema para se assegurar que ela nunca poderia contar a ninguém sobre o casamento ou sobre você.

—E porque não só me matar?— ele ficou com o olhar pra baixo fixo no anel, visivelmente lutando pra assimilar tudo aquilo. —Teria custado menos esforço a todos.

—Você era uma criança, Kuarc. —Zarifa lhe disse. — Umar plantou a ideia, mas meu pai não pode fazê-lo...

—Lodur não era mau, - Rance murmurou, repetindo o que ela havia dito semanas atrás. — ele simplesmente não era muito bom.

Mecanicamente, Kuarc folheou o diamante. —*Deseja beijar sua noiva, Sevan?*— A voz gravada repetia. —*Estou com humor pra me embriagar.* —E a repetiu novamente. —*Deseja beijar sua noiva, Sevan? Estou com humor pra me embriagar.*

Kuarc franziu o cenho, - Essa é a voz de Edin.



—Tem razão. —Zarifa se pôs de pé. — Eu não o tinha ouvido falar há dez anos, assim não o reconheci.

Kuarc começou a cravar os olhos em Edin. — Você sabia de tudo isto, mas nunca disse uma palavra. —Seus olhos se estreitaram na compreensão repentina- era você o tempo todo. Não foi um louco que matou Sevan.

A boca de Edin trabalhando, seus olhos saindo rapidamente de um lado para outro assim como ele visivelmente considerou mentir. Até que a verdade estalou dele.

—Sim! Por que eu deveria ter sido o imperador. Meu sangue é tão real quanto o seu – e não sou um idiota ingênuo.

—Assim que passou anos traindo a meu pai, me traindo, até traindo a Umar- jogar tudo termina com a metade. —Kuarc negou com a cabeça, uma torção amarga em seus lábios. —Você me fez acreditar que Zarifa estava envolvida no assassinato de Lodur.

—Não foi difícil, - Edin disse com desprezo. —Como disse, você é um idiota. Como seu pai, seu tio, como a cadela de sua prima. Nenhum de vocês merecia ser regente!

—Isso é uma pena, porque agora sou o imperador. —Seu olhar fixo estava frio e régio.

—E meu primeiro ato oficial deverá ser descobrir que tipo de traição esteve cometendo todos esses anos.

Capítulo Dez

Rance caminhou pra cima do balcão elegante de mármore e se deteve em seus rastros pra ficar boquiaberto no temor misturado com dor.

Zarifa estava contra o sol poente. Sua silueta mostrava que estava usando um delicioso veludo verde escuro com uma larga cauda, o tecido lindamente bordado em ouro e pedras preciosas. Seu cabelo vermelho estava arrumado em sua cabeça em uma cascata de cachos sedosos. A luz do sol estando inclinado sobre os terrenos do palácio.

Ela parecia toda uma imperatriz, o que de fato era.

Zarifa havia abdicado do trono hoje, na cerimônia de coroação de Kuarc.

Seu último ato como imperatriz havia sido outorgar a Rance a Ordem do Leão, a honra mais alta em reconhecimento de heroísmo do civil. O medalhão de ouro pesado pendurado ao redor de seu pescoço com uma fita vermelha, brilhando contra a jaqueta negra de seda que estava usando.

Ele se sentiu um idiota.

Estar no centro do furacão dos meios de comunicação tampouco ajudou a sua comodidade.



Simplesmente horas depois da morte de Umar, Kuarc e Zarifa haviam dado uma entrevista coletiva da base do asteroide. Juntos haviam desenhado todos os acontecimentos da história imperial recente com honradez desapiedada, incluindo o assassinato de Sevan por Edin e a usurpação do trono de Lodur, de seu então sobrinho infante.

As ondas de choque ainda estalariam através do império nos anos vindouros.

Uma semana havia passado desde então. Zarifa havia ordenado a Infantaria e a Marinha a se render a Kuarc e seus homens pra que aterrizassem em Throneworld. Os cupinchas de Umar poderiam ter burlado sobre isso, mas provavelmente temeram chamar atenção a suas próprias atividades duvidosas.

Agora ela havia atraído Rance até aqui, para este seu intimidante palácio. Ele era um homem livre de verdade, seu pescoço nu do colar de escravo, seus nano sistemas em completo controle de novo. Melhor ainda, Kuarc havia anunciado sua intenção de abolir a escravidão.

Rance tinha tudo pelo que havia trabalhando todos estes anos. Mas ele temia que a única coisa que ele realmente desejava estivesse fora do seu alcance.

Porque uma mulher que tinha tudo isto iria a Freeworld e viveria uma vida com um lobisomem?

Zarifa olhou para o lado assim que ele atravessou o balcão em direção a ela, suas botas negras ressoaram nos ladrilhos de mármore. Ela se voltou pra enfrentá-lo, se reclinando contra a balaustrada esculpida.

—Você sabe, sempre me perguntei por que meu pai confiou em Umar. Eu sabia que eles haviam servido na Infantaria da Marinha juntos, e Umar supostamente salvou a vida dele, exceto... —ela negou com cabeça.

Estavam de volta a isso outra vez. Ele francamente se fartou do assunto, mas ele sabia que isso a incomodava ainda, assim que ele estava disposto a seguir a corrente.

—Bem, se Umar o estava chantageando...

—Não acho que foi alguma vez tão intencional. Se Umar alguma vez havia saído e dito *Me nomeie regente* ou algo assim. Meu pai o teria detido.

Ela se voltou pra contemplar os jardins verdes dos terrenos do palácio.

—Mas meu pai mesmo assim não confiava completamente nele. De acordo com o que disse Edin a Kuarc... no interrogatório, Lodur contava com Edin para me proteger de Umar se algo acontecesse a ele.

Rance recostou um lado do quadril na balaustrada e riu com desdém.

—Edin estava só interessado em se proteger.

—Exatamente. Ainda assim, meu pai não confiou completamente nele, porque ele me deixou o anel de Sevan, a ser entregue quando eu alcançasse a maioria em meu aniversário de vinte e cinco anos. E foi o anel que partiu o controle de Umar.



—Me perguntei como você fez isso.

Ela deu um passo mais perto dele e enrolou um braço ao redor de sua cintura.

—Aparentemente, meu pai se deu conta de que se Umar havia utilizado os nano sistemas da mãe de Kuarc para controlá-la ele poderia alterar os meus e usá-los da mesma forma. Assim que no minuto que eu coloquei o anel este injetou em meus nanos uma rotina que bloqueou o controle de Umar.

Ele sorriu ao ouvir o triunfo em sua voz. —E você ficou livre.

Ela deu um sorriso deslumbrante.

—Nem tanto. Agora sou livre. Umar e Gerik estão mortos, Edin irá a juízo pelo assassinato de meu pai e o Império é de Kuarc para que o governe.

Uma abertura. O coração de Rance iniciou um palpitar em golpes irregulares, mas a briga pra manter a tensão fora de seu rosto.

—Então, o que vai fazer agora?

Zarifa o olhou, a incerteza brilhava em seus belos olhos... —Em sua maior parte quero mandar pro inferno o império. Nunca tive nada parecido a uma vida normal aqui. Eu passei esses últimos dez anos como pasto dos meios de comunicação e de certa forma não penso que vai parar só porque não sou mais a imperatriz.

Ao diabo com andar na ponta dos pés, Rance pensou, repentinamente impaciente. Só vou fazer a maldita pergunta. Ele pegou suas mãos nas dele. Elas estavam surpreendentemente frias como se estivesse nervosa.

—Vem pra Freeworlds comigo. Não sei se você pode considerar viver com um lobisomem uma vida normal, mas, ...

Os olhos violetas se arregalaram tanto que ele poderia ver seu rosto refletido neles.

—Está certo? Você já viu a maneira que os meios de comunicação acoçam cada coisa que faço. Inclusive se eu fosse para Freeworlds não poderia detê-los. E tem um talento de fazer da minha vida um maldito inferno.

Ele mostrou seus dentes. —Oh, posso dizer seguramente que eles não tentariam isso mais de uma vez.

Zarifa riu. —Não duvido. —Ela ficou séria. —Mesmo assim não será fácil.

Ele deslizou seus braços ao redor de sua cintura e a aproximou mais.

—Quando estava no chão sob a bota de Gerik com meu nano sistema congelado, soube que não os deixaria ganhar. Soube que nos tiraria dali. E confiei em você o suficiente para esperar até que fizesse um movimento. —Ele roçou um polegar na sua boca. —Foi ali quando me dei conta de que te amava.

Ela recobrou seu fôlego. Como ele observou, um lento, cegador sorriso se derramou em seu rosto.



—Você levou tanto tempo? Me apaixonei por você quando acreditou em mim sobre a campanha difamatória de Umar para me fazer parecer uma bêbada.

Ele sorriu como se seu coração recuperasse a pulsação outra vez.

—Se casará comigo?

—Doce Senhora, - ela suspirou - sim!

Sua boca tinha gosto de champanhe e morangos. Ele gemeu em seus lábios, instantaneamente duro.

Rance a arrastou em seus braços, afastando com um chute a cauda de veludo quando esta tentou se embolar em suas pernas. Zarifa enrolou seus braços ao redor de seu pescoço enquanto ele a levava para o quarto.

Ele se via impressionante em sua jaqueta de aristocrata negra, e suas calças confortáveis negras, uma gravata branca amarrada ao redor de seu poderoso pescoço. A Ordem do Leão pendurava em seu pescoço de uma fita vermelha que dava uma nota de cor contra toda essa nudez monocromática. A desceu sobre a colcha grossa de seda de cor vermelha de sua cama, a mesma cama onde ela havia chorado tantas noites por anos a fio.

Detendo-se, ele a olhou com o cenho franzido.

Se sentindo repentinamente insegura, ela franziu o cenho de volta.

—O quê?

—Como supõe que devo tirar esse vestido?

Ela riu. —Venha cá e te mostrarei.

Ele sorriu abertamente e baixou a seu lado.

—Seus desejos são ordens, minha ama.

O veludo sussurrou. Os botões produzidos nos dedos impacientes com um toque gentil, as cordas do espartilho suspiraram de seus ilhós. Suas mãos eram fortes e quentes na pele nua de suas coxas. Sua boca se encontrou com a dela, lambendo, saboreando, quando ela desatou sua gravata.

Sua jaqueta caiu dos ombros amplos, agasalhados em seda.

Ele grunhiu, o som impaciente.

—Os aristocratas usam muitas roupas.

Dando um puxão em seus botões, ela só podia estar de acordo com um grunhido.

Finalmente, as bordas da camisa se abriram, revelando seu peito largo, coberto com pelo cacheado. Ela acariciou com suas mãos sobre a subida de seus músculos peitorais e escutou seu gemido quando ela roçou seus pequenos mamilos endurecidos.

Seu espartilho deu passo a seus dedos exigentes por fim, liberando seus seios para sua boca. Ela recobrou seu fôlego quando ele se inclinou para sugar docemente feroz.

—Rance...



Ele disse com voz cavernosa algo quente em resposta, seus dedos tomando forma de copa e amassando com suave habilidade. Seus olhos baixaram e encontraram a maciça crista atrás do zíper das calças. Ela atacou os botões com um som ambicioso, faminta de tocá-lo, saboreá-lo.

Com cada botão, seu pênis pressionado um pouquinho mais livre, seu eixo grosso, rosado, espessamente venoso e faminto. Ela curvou seus dedos em volta do seu calor e gemeu quando ele sacudiu em suas mãos.

Rance se afastou e apressadamente tirou suas calças abaixo das coxas, fazendo uma pausa só pra tirar as botas antes de se sacudir com força de suas calças e do resto.

Ele deu a volta, magnificamente nu, seu pênis empurrando em um ninho grosso em sua virilha. Zarifa recobrou seu fôlego a visão dele, alto e poderoso, com o músculo esculpido em lindas crestas ao longo do torso e dos poderosos braços musculosos. Ele a olhou e seus olhos pareceram arder.

Zarifa guardou sua nudez cremosa no traje de noite de veludo verde e a seda vermelha da colcha, seu cabelo uma coroa de chamas que correspondiam ao suave teto de palha entre suas pernas. Seus olhos se viam insondáveis assim como ela contemplava acima, nele, seus lábios suaves abertos.

Seus mamilos alcançaram o pico, rosados e preciosos montículos cheios, suaves de seus seios.

—Em toda minha vida- Rance disse roucamente, - nunca vi nada tão belo quanto você. Nenhuma mulher, nenhuma montanha, nenhum pôr do sol, nenhuma nebulosa. Nada tão belo.

Seus olhos violeta se ampliaram e piscaram. Ela abaixou sua cabeça, o gesto estranhamente tímido.

—Eu - sua voz minguou.

Ele se rendeu a sua atrevida imperatriz nua.

É óbvio, ele teve que beijá-la outra vez depois disso, enquanto a cobria com seu corpo magro. Ela devolveu seu beijo, sua boca tão ansiosa e faminta quanto a dele. Quando ela curvou suas longas pernas em volta de seus quadris, sua cabeça se sentiu enjoada. Ele podia sentir seu coração batendo como o seu, duro e rápido.

Os olhos violeta se encontraram com os seus enquanto levantava sua cabeça.

—Te amo. —e a verdade disso estava totalmente em seu delicioso olhar. Uma só lágrima se deslizou por sua elegante bochecha. —Você devolveu minha vida.

—Não. —ele limpou a lágrima. — Você teria encontrado a forma de ganhar mesmo sem mim. Por isso te amo.

Ela levantou sua cabeça e tomou sua boca com uma fome afetuosa, doce.

Surgiram juntos, pele com pele, seus peitos suaves contra seu peito, seu pau contra seu ventre.

Rance começou a beijar seu corpo abaixo, se demorando em saborear o delicado oco de sua garganta, então rastreando com mordidinhas suaves a coroa de seus seios. Ela ficou sem fôlego



quando ele se deteve pra rodear os bicos duros com sua língua e rastelar seus dentes cuidadosamente por eles. Ela tinha um gosto doce, intoxicante, impossivelmente deliciosa.

—Doce senhora. —ela gemeu.

Ele começou a rir - tal como deseja, seus dedos delicados se cerraram ao redor de seu pênis. Suas costas se arquearam com prazer enquanto ela o acariciava e explorava.

—Me deixe te saborear. —Ela cavou suas bolas em sua mão, lhe acariciou com uma gentileza que lhe roubou o fôlego.

—Só se eu te saborear também.

Ela riu, sedutora. —Me fez entrar em razão.

Se acomodaram, ele trocou de posição até que esteve com a cabeça ao longo de seu corpo.

O perfume de seu sexo o pegou em uma onda de embriaguez e ele gemeu enquanto baixava sua cabeça.

Ela já estava deliciosamente molhada. Ele se estremeceu de prazer enquanto formava redemoinhos com sua língua pelas suas dobras.

Então sua boca quente o encurralou com uma prisão que roubou seu fôlego. Ele ofegou em um prazer brilhante. E se entregou a ela.

Fechar sua boca ao redor da cabeça do pênis dele foi um prazer puro, delicioso, tudo por ele mesmo. Ela amou a maneira em que ele enchia sua boca, amava o estremecimento e sentiu sua boca encher. Amou o estremecimento e o salto de seu poderoso corpo assim como ele reagia ao seu toque.

E ela adorou cada lambida lenta, atormentadora que ele deu em uma doce desforra.

O prazer a queimou como uma marca, quente como whisky Terran – e tão rápido que lhe subiu a cabeça. Ela envolveu uma mão mais apertada ao redor de seu eixo grosso e o tomou mais dentro, cravando as unhas em seu traseiro para mantê-lo ali.

Doce Senhora, era tão gostoso.

Ela lambeu, saboreou, brincou, brigando pra se concentrar apesar das deliciosas sensações que ele lhe infringia com sua boca inteligente e seus dedos bombeadores.

Até que não foi o suficiente. Ela necessitava seu pênis grosso com que ela brincava enterrado dentro dela tão longe como pudesse chegar. Ela sacudiu com força sua cabeça e caiu sem fôlego.

—Agora. Senhora, Rance. Agora!

Ele não precisou que ela dissesse duas vezes. Afastando-se dela ele se moveu entre suas coxas e levantou seu traseiro nas mãos. Apontando sua reluzente longitude em seu sexo inflamado. Zarifa enrolou seus quadris, feroz e necessitada. Ele se mergulhou dentro em um só embate. Com um ofego necessitado, Zarifa agarrou seus ombros fortes, meio cega por esse primeiro abrupto delicioso prazer. Reforçando as duas mãos contra o colchão, ele começou a empurrar, lentamente, cuidadosamente.

Ela o encontrou, mexendo seus quadris, o tomando tão profundo que ele estremeceu.



Ele se sentiu grosso e interminável nesse embate lento, deliberado. Os músculos surgiam e flexionavam em seu poderoso torso enquanto se posicionava sobre ela, e seu traseiro rodava embaixo de suas panturrilhas, toda essa força suave.

O prazer floresceu por ela como uma rosa exótica com cada entrada bem quente, cada deliciosa retirada. Ela tremeu impotente quando ela observou seu rosto, ficando com o olhar fixo nesses ternos olhos dourados. Ela nunca tinha sentido assim. Nunca sentiu tal calor, tal paixão. Nunca havia amado com tal doce certeza. O orgasmo a pegou de surpresa, afogando-a em uma maré de fogo. Ela ofegou assim que ele gozou dentro dela, quente e inevitável, dirigido por seus longos embates.

Ele grunhiu enquanto ela se convulsionava. E se balançou, tão profundo, que sua pélvis caiu contra a dela. Não obstante, mais rápido, mais rápido e mais rápido, mais duro e mais duro, gentileza se perdeu no frenesi de sua necessidade. E cada palmo de carne na carne impulsionou seu prazer mais alto, mais selvagem.

Rance rugiu, jogando para trás sua cabeça escura, se arqueando duro contra ela quando gozou.

Ela gritou, seu grito timbrando contra o seu assim como o prazer flamejou como uma estrela.

Enredados em veludo e seda, jazeram juntos, respirando duramente, os corações ainda palpitando.

Amanhã, Zarifa supôs, pegariam sua nave e se dirigiriam para os Freeworlds. Ela não sabia o que encontraria ali nesse planeta agreste, não sabia que tipo de aceitação encontraria entre sua gente. Mas isso não importava.

Lar era onde ele estivesse.

Com um suspiro de prazer Zarifa deixou seus olhos se fecharem e se acomodou nos braços fortes de Rance para dormir.

FIM



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>



Tiamat World

**Angela Knight
Mad Dog Love**